

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

**A FUNÇÃO DO “ONDE” NA CONFIGURAÇÃO DE ADJUNTOS SENTENCIAIS
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Althiere Frank Valadares Cabral

Belo Horizonte – MG
2010

Althiere Frank Valadares Cabral

**A FUNÇÃO DO “ONDE” NA CONFIGURAÇÃO DE ADJUNTOS SENTENCIAIS
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMINAS, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Estrutura Formal e Conceitual da Linguagem.

Orientador: Professor Doutor Milton do Nascimento

**Belo Horizonte – MG
2010**

Althiere Frank Valadares Cabral

**A função do “*onde*” na configuração de adjuntos
sentenciais no português brasileiro**

**Dissertação apresentada ao Programa de
pós-graduação em Letras da Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais –
PUCMINAS, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Linguística e
Língua Portuguesa.**

Milton do Nascimento (orientador) – PUCMINAS

Dr. Antônio Luiz Assunção – UFSJ

Arabie Bezri Hermont – PUC-MG

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2010.

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S587c Cabral, Althiere Frank Valadares
 A função do “onde” na configuração de adjuntos sentenciais no português brasileiro / Althiere Frank Valadares Cabral. Belo Horizonte, 2010
 96p.

Orientador: Milton do Nascimento
 Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras.
 Bibliografia.

1. Língua portuguesa – Advérbio. 2. Língua portuguesa - Sintaxe. 3. Gramática comparada e geral – Dêixis. 4. Teoria da recursão. I. Nascimento, Milton do. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós- Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 806.90-27

DEDICATÓRIA...

Aos meus filhos, Diadorin, Sofia e Tales, a eles dedico este trabalho e toda minha vida, por eles tudo faz sentido, meu “onde” não é vazio.

A Keylla, minha esposa, pelo apoio, pela paciência, por minhas ausências, e por tudo que passamos em prol de um sonho meu, que se tornou dela. E quem, espero, possa continuar lendo e corrigindo meus textos, não os científicos, mas os textos da vida, cuja tessitura, só ela sabe onde está a ponta da meada e o que fazer com ela.

AGRADECIMENTOS...

Agradeço àquelas pessoas que, presentes ou ausentes, conscientes ou não, me trouxeram a este momento.

Aos meus pais: minha mãe pelo exemplo de vida, pela força corajosa que me inspira, que me faz perseguir cada sonho. Meu pai por confiar em mim.

A meus irmãos, que longe ou perto sempre confiaram em mim, e em especial a Zé Brígido, que mais que todas as outras pessoas, torceu, vibrou, apostou, acreditou em mim.

A Patrícia Tondinelli, minha irmã de coração. Sem ela, eu não seria aluno deste programa, sem ela não teria terminado este mestrado, sem ela, eu seria uma pessoa bem menos completa.

A Reinaldo arcanjo, grande parceiro de muitos momentos.

À professora Ana Neta, que desde a graduação sempre me inspirou a crescer profissionalmente.

Aos professores todos do programa, com carinho especial aos professores Marco Antônio de Oliveira, Hugo Mari, Paulo Henrique Mendes Aguiar e Vanda Bittencourt. Cada um, à sua maneira, mostrou a mim a grandeza do significado da palavra MESTRE.

Aos colegas do programa, de maneira especial a Kariny, Cláudio e Elizabeth.

Aos funcionários da secretaria, todos tão solícitos e humanos.

Aos meus alunos, que são o mote da vida de um professor.

Aos colegas do IFRN, campus Macau, minha nova casa.

À CAPES, pela bolsa concedida a esta pesquisa.

A todos os meus amigos, que não elenquei aqui por não terem participado ativamente deste mestrado, mas que sabem quão importantes são para mim.

À vida, que me proporcionou cada pessoa que cruzou meu caminho e fez de mim quem sou.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Agradeço, ao Professor Doutor Milton do Nascimento, pela orientação, pelo respeito ao meu tempo, pela forma humana de conduzir todo trabalho. Se cheguei a este programa como seu fã, saio dele como grande admirador, a quem verdadeiramente agradeço na condição de maior responsável pela consolidação deste trabalho. Antes um ídolo de quem conhecia alguns escritos, agora um Professor que me mostrou que fazer um mestrado pressupõe reorganizar todos os Espaços Mentais, integrá-los a partir de muito labor e conceber um trabalho que ultrapasse os limites da intuição, sem dela se furtar. Um professor que brinca de ser gênio, sem deixar de ser humano, e que sendo gênio, é um grande ser humano e um mestre de grande valia.

*Rogaciano era índio Guató. Mas eu o conheci na
condição de bugre (Bugre é índio desaldeiado,
pois não?) (...)
Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever.
Mas seu avô que era o Chamã daquele povo lhe
ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a
Gramática mais pobre em extensão e mais rica
em essência. Constava de uma só frase: Os verbos
servem para emendar os nomes. E botava exemplos:
Bentevi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava
o bentevi com o chão. E mais: o cachorro comeu
o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso.
Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática
do seu povo. Falou mais dois exemplos: Mariano
perguntou: - Conhece fazer canoa pessoa? - Periga
Albano fazer. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo,
não sabia nada, mais ensinava essa fala sem
conectivos, sem bengala, sem adereços para a
gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nada
de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de
curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu
tão sábio o Chamã dos Guató quanto Sapir.*

Manoel de Barros

RESUMO

Nesta dissertação analisamos o uso do pronome “*onde*” em construções não canônicas da língua portuguesa no que se refere às suas operações computacionais discursivas. Considerando-se que a tradição gramatical vem apontando o “*onde*” como um pronome relativo, e que, como tal retoma um constituinte específico da oração principal, necessariamente, com valor semântico de lugar; e que, encabeçando a sentença encaixada, tradicionalmente chamada de subordinada, deixa nela uma Categoria Vazia em seu lugar de origem, propusemo-nos a investigar construções outras, cujas estruturas se mostraram diversas, e cujos valores semânticos se mostraram mais amplos que o referido, de lugar. Os *corpora* para a pesquisa foram selecionados das modalidades oral e escrita da língua; a partir de textos televisionados, de textos orais produzidos em debates em sala de aula, ou mesmo de conversas informais, como ainda de redações escolares, trabalhos científicos e textos de *sites* da *internet*. A análise demonstrou ser irrelevante distinguir dados da modalidade oral e escrita, uma vez que as operações que nos interessaram se mostraram idênticas em ambas as modalidades. Nosso objetivo central consistiu-se em verificar a hipótese de que existem construções no Português Brasileiro em que o pronome “*onde*” diverge das construções canônicas quanto aos seus mecanismos computacionais. A partir disso, propusemo-nos a descrever e explicar tais realizações, e fizemos isso, calcados numa noção de língua natural, inata, parte do aparato mental dos falantes, a partir de operações que acontecem num sistema de interfaces, dentre elas a operação da recursão, operação basilar da produção de texto/sentido. Tais operações pressupõem a instauração de um sujeito discursivo num dado tempo e num dado espaço, ou seja, a partir de um processamento dêitico sem o qual não se constitui um discurso. A noção de língua natural foi concebida a partir de pressupostos de Hauser, Chomsky e Fitch (2002 e 2004). A noção de discurso, Aparelho Formal da Enunciação e Processamento Dêitico são de Benveniste (1995 e 2006). À luz dessas teorias encontramos o pronome “*onde*” acontecendo, sobretudo, de duas maneiras, para além daquela já descrita pela tradição gramatical: sem uma Categoria Vazia na sentença que encabeça e com a Categoria Vazia. Sem a Categoria Vazia a estrutura encabeçada pelo “*onde*” apareceu com seus predicadores saturados, o que a configurou como adjunto, que como tal se adjunge a constituintes sentenciais. No caso das estruturas com Categoria Vazia, encontramos estruturas saturadas e que por isso também se configuram como adjuntos, que se adjungiram a estruturas de natureza adverbial com valor semântico de tempo crônico e não de lugar, o que mereceu uma análise à luz das operações dêíticas constituintes do discurso.

Palavras Chave: onde, sintaxe, língua natural, dêixis e recursão.

ABSTRACT

In this dissertation, we analyze the use of the pronoun “where” in grammatically ordered statements of the Portuguese Language concerning to its discursive computational operations. Considering that the grammatical tradition points the pronoun “where” as a relative pronoun and, being this, it refers to a specific term of the main sentence, necessarily with a semantic value of place and also heading the connected sentence, traditionally called subordinate, leaves on it an empty category in its place of origin, we propose to investigate another statements, whose structures are different and its semantic values showed to be wider than only of place. The corpora for this research were selected from the oral and written discourse of the language, broadcasted texts, oral discourse from classroom debates, informal conversations, school compositions, college papers, and texts from the Internet. The analysis showed the relevance of distinguishing data from oral and written discourse since the operations that interested us showed to be identical in both discourses. Our main aim consisted in verifying the hypotheses that in the Brazilian Portuguese there are constructions in which the pronoun “where” differs from the grammatical order concerning to its computational mechanisms. From that, we proposed to describe and explain such realizations and we did that relying on the notion of a natural language, innate, part of a mental device of the speakers, from operations that take place in an interface system. Such operations need the insertion of a discursive subject in a certain time and in a certain space and without this they do not constitute discourse. The notion of a natural language was conceived from the ideas of Hauser, Chomsky and Fitch (2002 and 2004). The notion of discourse, Formal Device of Enunciation and Deictic Processing are of Benveniste (1995 and 2006). Relying on these theories, we found the pronoun “where” taking place, especially, in two ways, beyond that one already described by the grammatical tradition: without one Empty Category in the sentence that subordinates other and with the empty category. Without the Empty Category the structure headed by “where” occurred with its saturated predicators, what configured the category as adjunct, which relates to its sentence terms. Concerning to the structures with Empty Category we found saturated structures of an adverbial nature with a chronic time semantic value and not of place, what deserved an analysis oriented by the deictic operations, which constitute the discourse.

Keywords: Where, Syntax, Natural language, Deixis, Recursion.

LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS EM ORDEM ALFABÉTICA

[_]: Lacuna, traço ou vestígio deixado por movimento de constituinte

A: Adjetivo

Adv: Advérbio

AP: Interface fonológica

C: Conjunção, complementizador

CI: Interface Intencional-conceitual

Espec: Especificador

Flex: Flexão

Flex': Projeção intermediária de SFlex

FLSA: Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo

FLSE: Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito

GPCFB: Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Volume 3

GT: Gramática Tradicional

N: Nome

PB: Português Brasileiro

Prep: Preposição

S : Sentença

SA: Sintagma adjetival

SAdv: Sintagma adverbial

SFlex: Sintagma flexional

SN: Sintagma Nominal

SV: Sintagma Verbal

SX: Projeção máxima

V: Verbo

V': Projeção intermediária de SV

X: Projeção mínima

X': Projeção intermediária

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. Do quadro teórico-metodológico a ser adotado	10
1.2 Da Problematização.....	11
1.3 Dos Objetivos.....	11
1.3.1 Geral.....	11
1.3.2 Específicos.....	11
1.4 Dos Corpora da Pesquisa	12
1.5 Da Organização formal dos capítulos.....	13
2. O “ONDE” SOB ALGUNS OLHARES.....	14
2.1 O Pronome “onde” na Tradição Gramatical.....	17
2.2 A Descrição do “onde” sob outras óticas	20
3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	29
3.1 A noção de Linguagem Adotada	29
3.2 A noção de Enunciação Adotada	30
3.3 Predicação, Complementação e Adjunção em Português.....	32
3.3.1 Predicação e Complementação.	32
3.3.2 Adjunção	39
3.3.3 As construções-Q.....	41
3.3.4 Relativas	43
3.3.5 Resumptivas e Cortadoras.....	45
3.3.6 Relativas livres.....	45
3.3.7 Considerações sobre as expressões-Q.....	46
3.4 Síntese Deste Capítulo.	47
4. ESTRUTURAS NÃO CANÔNICAS ENCABEÇADAS POR “ONDE”	48
4.1 Análise dos Corpora.....	48
4.1.1 Sentenças da Mod. Oral, sem C.V. ligada ao “onde”.....	53
4.1.2 Sentenças da Mod. Escrita, sem C.V. ligada ao “onde”.....	61
4.1.3 Sentenças da Mod. Oral, com C.V. ligada ao “onde”	69
4.1.4 Sentenças da Mod. Escrita, com C.V. ligada ao “onde”.....	75
5. CONCLUSÕES.....	78
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS.....	86

1. INTRODUÇÃO

*A palavra é metade de quem a pronuncia,
metade de quem a ouve.
Michel de Montaigne.*

Compreender e refletir sobre o mundo é uma propriedade humana e, tendo em conta que “o reflexo abstrato e generalizado do mundo e o pensamento abstrato realizam-se com a estreita participação da linguagem” (LURIA, 2001, P. 27), compreender a linguagem é compreender o ser humano em sua relação com o mundo.

Nesta dissertação, pretendemos abarcar, na Língua Portuguesa Brasileira, a realização do pronome “*onde*” em construções não canônicas, no que tange aos mecanismos operacionais que licenciam sua ocorrência.

O mote da pesquisa foi o fato de que a realização do “*onde*” de forma diversa à preconizada pela Tradição Gramatical vem tomando espaço considerável na língua e a descrição de seus mecanismos operacionais, bem como a explicação dessa realização ainda não foram feitas, ao menos nos moldes aqui pretendidos.

A Gramática Normativa, GT, via de regra, descreve o “*onde*” como pronome relativo, e como tal, ele “deve” retomar um constituinte de uma oração principal, e na subordinada esse constituinte vai exercer o papel de Adjunto Adverbial de Lugar. Qualquer coisa que se furte a isso é posto como má formação, que prejudica a coesão e a coerência de textos, devendo, pois, ser “consertado”.

Como aqui nos interessa a Língua Natural, que se instaura e se atualiza no ato da enunciação e por isso a cada interação verbal, não nos cabe julgar boa ou má formação na língua, interessa-nos saber da realização tal e qual ela acontece, e mais, interessa-nos saber como se processa a construção de sentido da maneira que ela acontece.

Posto assim, vamos proceder à análise do “*onde*” a despeito de qualquer julgamento quanto ao registro linguístico, quer pela condição sócioeconômica do falante, quer por questões de idade, sexo, ou mesmo grau de formalidade da realização do discurso. Se chamamos as construções de não canônicas, é puramente por não terem entrado nos cânones gramaticais tradicionais, o que não faz delas construções menos completas do ponto de vista da produção/interpretação de sentido, como cremos que ficará claro quando da análise do *corpus*.

Como já posto, aqui abordamos a Língua Natural, que, conforme postulados de Noam Chomsky, desenvolve-se a partir de um componente inato, de uma parte do aparato cerebral do ser humano, e basicamente opera com sistemas de interfaces. “Nessa perspectiva, enfoca-se (...) a Língua-I como o módulo que alimenta, com instruções, o sistema de desempenho” (KATO; NASCIMENTO, 2009, p. 10).

Dito isso, nesta dissertação, adotaremos os pressupostos da Teoria dos Princípios e Parâmetros tais como são utilizados pela Gramática do Português Falado Culto do Brasil, vol. III, organizada por KATO; NASCIMENTO (2009).

1.1 Do quadro teórico-metodológico a ser adotado

O quadro teórico que estabeleceremos no próximo capítulo deste trabalho, a partir do qual pretendemos abarcar o fenômeno pesquisado parte da concepção de linguagem acima exposta e de pressupostos teórico-metodológicos, que implicam um Modelo de Processamento Discursivo que, em resumo, assim se estrutura:

- a- A linguagem humana é um fenômeno natural; todo ser humano é dotado de uma faculdade da linguagem, essa faculdade possui sistemas de interface: um sistema sensorio-motor e um sistema conceitual-intencional. Tais sistemas utilizam-se de operações computacionais que se resumem à recursividade.
- b- As línguas naturais possuem propriedades, princípios comuns, e propriedades particulares, responsáveis pelas diferentes línguas e mesmo pelas variações dentro de uma mesma língua, essas propriedades decorrem de parâmetros, segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky (2002, 2006) base teórica desta dissertação.
- c- A construção de texto/sentido acontece no processamento enunciativo, conforme postulados de Benveniste, para quem o sujeito se instaura no e pelo discurso.
- d- Por fim, sobretudo, calcados na Gramática do Português Culto Falado no Brasil, Vol. 3, organizada por Kato e Nascimento (2009), procederemos à análise do *corpus*.

1.2 Da Problematização

O questionamento que concebeu esta pesquisa foi da seguinte ordem: se o “*onde*” vem se realizando de forma diversa daquela preconizada pela Gramática Normativa, e mesmo pela descrita por alguns linguistas que dele se ocuparam, como se processa a construção com o “*onde*” distinta daquelas descritas pelos cânones?

Diante desse questionamento, outros pontos se mostram relevantes neste trabalho para uma descrição e explicação do fenômeno aqui abordado, são eles:

- a) Qual a função do “*onde*” no licenciamento das construções não canônicas de que tratamos aqui;
- b) Quais são as diferenças e as semelhanças entre as realizações canônicas e não canônicas;

1.3 Dos Objetivos

Postos dessa maneira, os questionamentos acima elencados já indiciam os objetivos deste trabalho, objetivos que assim estão organizados:

1.3.1 Geral:

Explicar os mecanismos computacionais da realização do “*onde*” em construções do Português Brasileiro que divergem das construções canônicas.

1.3.2 Específicos:

- a) Descrever as realizações não canônicas do “*onde*” no Português Brasileiro;
- b) Estabelecer as diferenças e semelhanças entre as construções canônicas e não canônicas com o pronome “*onde*”.
- c) Compreender como se linearizam os constituintes dos enunciados que possuem o “*onde*” na superfície do discurso;

- d) Explicitar os princípios/mecanismos responsáveis pela realização do “*onde*” em construções não canônicas;
- e) Proceder a uma análise de construções não canônicas com o fim de explicar o licenciamento das mesmas na Língua Portuguesa Brasileira;
- f) Procurar, nas realizações não canônicas do “*onde*”, as regularidades que permitem ou não configurar tais construções dentro de um Modelo de Processamento Discursivo.

1.4 Dos *Corpora* da Pesquisa

Os *Corpora* desta pesquisa foram constituídos a partir de dados de um *corpus* da modalidade oral da língua, e outro da modalidade escrita.

Na modalidade oral, coletamos enunciados de pessoas que proferiram seus discursos na televisão, com maior ou menor grau de formalidade, conforme a situação. Parte dos dados foi retirada de um debate político veiculado ao vivo, do que se pode atribuir espontaneidade dos informantes. Outra parte foi retirada de debates em sala de aula, entre o pesquisador e seus alunos, como ainda de apresentações de trabalhos acadêmicos de alunos de curso de graduação. E outra parte foi colhida a partir de falas aleatórias, proferidas em situações informais entre amigos.

Da modalidade escrita, coletamos dados de redações escolares de alunos do ensino médio tecnológico e superior, além de textos diversos veiculados na internet, postados por autores identificáveis ou não.

Dadas as diferenças entre a modalidade oral e escrita da língua, sobretudo no que diz respeito à espontaneidade do informante, preferimos proceder à análise dos dados separadamente. Começamos pelos dados da língua falada para só posteriormente analisarmos os dados da língua escrita.

1.5 Da Organização formal dos capítulos

Quanto à organização formal, assim se divide esta dissertação:

- a- Este capítulo, da introdução do trabalho, em que estabelecemos a sua organização;
- b- O capítulo 2, em que procuramos situar em que ponto estão as pesquisas que se referem ao “*onde*”, ou seja, o capítulo em que apontamos o Estado da Arte. Partimos de postulados gramaticais normativos, perpassamos alguns trabalhos da gramática funcional e da histórica para uma delimitação dos estudos em torno do “*onde*”;
- c- No capítulo 3, trataremos da configuração do Quadro Teórico-Metodológico a partir do qual abordaremos o nosso objeto de estudo;
- d- No capítulo 4 faremos a análise do nosso *corpus* para descrição e possível explicação do problema;
- e- E no capítulo 5, faremos a apresentação das conclusões desta pesquisa.

2. O “ONDE” SOB ALGUNS OLHARES

*Sei que às vezes uso
Palavras repetidas
Mas quais são as palavras
Que nunca são ditas?*
Renato Russo

Como começamos a delinear no capítulo anterior, a linguagem que aqui pretendemos adotar, a partir da qual poderemos discutir, descrever, analisar e explicar os princípios e/ou mecanismos computacionais que licenciam a ocorrência do “*onde*” não canônico na Língua Portuguesa Brasileira não está alheia ao homem, é parte integrante do ser complexo que tem a linguagem como ponto fulcral de vida.

E é a partir das teias vitais da mente humana – ou do que já se sabe a respeito dela – que procuraremos compreender um fenômeno de dimensões aparentemente diminutas, mas que, uma vez compreendido, pode desvendar fios da trama com alguma relevância para a compreensão da linguagem como um todo.

Tendo em conta que a pesquisa linguística precisa abarcar a complexidade inerente às línguas humanas, aquí nos valem das palavras de Cuenca e Hilferty (1999, p.19), *“la conceptualización, que está condicionada por la experiencia de nuestro cuerpo, del mundo externo y de nuestra relación con el mundo, es punto de origen y llegada de la investigación sobre la cognición y sobre el lenguaje”*.

O fato de linguagem aqui abordado se manifesta na materialidade linguística, e como tal será analisado. Contudo, os anseios do presente estudo se voltam para a língua-I, conforme postulou Noam Chomsky, a língua interna, intensional, que possui o falante de uma língua natural, ou seja, “um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte” (CHOMSKY, 1994, p. 41).

O fato de linguagem que motiva nossa discussão são os mecanismos computacionais envolvidos na realização do denominado pronome “*onde*” em construções tidas como relativas no Português Brasileiro.

Não nos interessa fazer longa descrição de fatos linguísticos, para, por meio de dados estatísticos, comprovar o uso mais ou menos frequente do “*onde*” em construções inovadoras, nem comprovar sua validade de acordo com as variantes linguísticas, quer por sua in/formalidade, classe social a que pertencem os falantes, sexo, regiões geográficas ou quaisquer outros fatores sociolinguísticos. Interessa-

nos apenas realizar uma descrição/explicação que venha a comprovar o processamento computacional envolvido na realização do “*onde*” em determinados enunciados que ocorrem no discurso, suas regularidades e possíveis implicações para a determinação de explicações plausíveis para o fenômeno em si.

A tradição gramatical postulou e ainda postula preceitos e acaba por impor regras que nem sempre (ou quase nunca) condizem com a realidade da língua viva. No caso do “*pronome onde*,” isso se mostra latente ao se contraporem fatos linguísticos a normas estabelecidas por esta tradição. Diante disso, é pelos postulados trazidos pela tradição Gramatical Normativa que começaremos a discussão que doravante se trava neste texto.

Como dito, interessam-nos as operações computacionais envolvidas na realização do “*onde*” no Português Brasileiro, PB. Segundo a tradição gramatical, o “*onde*” é um pronome relativo, e como tal, deve retomar – sempre – uma ideia de lugar, assumindo, portanto, na oração subordinada, a qual encabeça, a função de adjunto adverbial de lugar. Ou seja, para a GT, estão “autorizadas” construções do tipo:

(1) A pousada onde dormi é simples, mas confortável.

Tendo em conta o fato de o verbo “dormir” não admitir outros argumentos além do sujeito, ou como define a GT, sendo ele um verbo intransitivo e encontrando-se saturado quanto à realização de seu argumento com a especificação do sujeito, a sentença encaixada, encabeçada pelo pronome “*onde*,” será um adjunto adverbial.

“A pousada” é sujeito da oração principal, e o “*onde*” se refere a este sujeito, termo antecedente ao “*onde*” que, segundo Cunha e Cintra (2008, p.365), “desempenha normalmente a função de adjunto adverbial”.

Com isso, estamos assumindo que o “*onde*” canônico, na análise tradicional, morfologicamente é um pronome relativo e como tal, desempenha a função sintática de adjunto adverbial, notadamente de lugar.

Para Cunha e Cintra (2008, p. 265), além de assumir a função sintática de adjunto adverbial de lugar, o “*onde*” ainda “costuma ser considerado por alguns gramáticos *advérbio relativo*”. Na pág. 558 da mesma obra, os gramáticos ainda

lembram que tal classificação não consta na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), mas que foi acolhida pela portuguesa.

Postas estas considerações, podemos afirmar que, na análise tradicional, calcados nos postulados de Cunha e Cintra (2008), o pronome “*onde*”, considerado advérbio relativo por alguns gramáticos, é um pronome relativo e como tal exerce uma função sintática, nesse caso, a de adjunto adverbial de lugar, referindo-se a um termo antecedente, contido na oração principal.

Contudo, encontramos no português falado e escrito hoje no Brasil, construções como:

- (2) Outra situação histórica que podemos observar é a ditadura militar no Brasil, onde a população teve que conviver com o regime ditado pelos militares¹.**
- (3) Essa diferença ocorreu com o passar do tempo, onde os valores, a forma de pensar e agir mudaram.**
- (4) Outras mudanças que podemos citar é com relação à moda, onde o que era auge da moda no passado, hoje não passa de lembranças.**

Diante dessa realidade, fácil e intuitivamente, percebemos que a relação anafórica não se dá da mesma maneira que postula a Tradição Gramatical, ou seja, a oração encaixada pelo item lexical “*onde*” não referencia um lugar, pelo menos não nos moldes pretendidos pela GT, mais que isso, mesmo o fato de haver ou não uma anáfora merece maior escrutínio.

Por outro lado, não dá também para se negar a presença de construções como **(2)**, **(3)** e **(4)**, até mesmo porque, os próprios manuais normativistas vêm apontar para a existência delas, condenando-as, mas de alguma forma atestando a existência. Para tanto, na próxima seção, exporemos sucintamente o que diz a tradição gramatical sobre a realização do pronome “*onde*” no Português, segundo alguns autores normativistas.

¹ Construções encontradas em textos escritos por alunos do ensino médio técnico, em trabalhos escolares, na cidade de Varginha – MG.

2.1 O Pronome “*onde*” na Tradição Gramatical

Na realidade, a bibliografia existente no que se refere ao “*onde*” como pronome relativo é, em grande parte, normativista e se restringe, basicamente, em tachar como “corretas” apenas as construções relativas cujos elementos antecedentes ao pronome “*onde*” equivalham a um adjunto adverbial de lugar.

Conforme já apontamos acima, Cunha e Cintra (2008, p 365) classificam o “*onde*” entre os pronomes relativos e apontam ao fato de alguns gramáticos definirem-no como advérbio relativo. Para tais gramáticos, quanto à função sintática, os pronomes relativos:

Assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações que a pertencem. (CUNHA; CINTRA, 2008, p.358)

Ferreira (2003, p. 223) define os pronomes relativos como “aqueles que retomam um substantivo (ou um pronome) anterior a eles, substituindo-o no início da oração seguinte”. Esta retomada de que trata Ferreira pode ser vista em termos da relação estabelecida entre o relativo e seu antecedente. Para Sarmento (2005, p. 200), “pronome relativo é aquele que liga duas orações, substituindo na 2ª oração uma palavra ou expressão antecedente, isto é, já expressa na 1ª oração”.

Segundo Cegalla (2007, p.184), “pronomes relativos são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionados”. O “*onde*” é um relativo e, conforme demonstraremos abaixo, segundo a tradição gramatical, relaciona-se com um tipo específico de antecedente, assumindo a função de adjunto adverbial de lugar.

Bechara (2004, p.171) confirma as definições de Cegalla (2007), de Sarmento (2005) e de Ferreira (2003), dizendo que os pronomes relativos “se referem a um termo anterior chamado de antecedente”. E ainda complementa que, diferentemente das conjunções, o “relativo exerce sempre função sintática” (BECHARA, 2004, p. 171). O autor não trata especificamente do relativo “*onde*”, mas em um de seus

exemplos, traz o relativo “*onde*”² na função de adjunto adverbial de lugar. A respeito dessa função sintática, Cipro Neto e Infante (2008, p.426) afirmam que “o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo antecedente”. Visto que a tradição gramatical estabelece que o antecedente do “*onde*” deve conotar lugar, depreende-se que a função sintática dele será a de adjunto adverbial de lugar. Ainda segundo Cipro Neto e Infante (2008, p.432), “o pronome relativo *onde* atua sempre como adjunto adverbial de lugar”.

Ferreira (2003, p.226), tratando do uso normativo do “*onde*” e do “*aonde*” prescreve: “essas duas formas de pronomes relativos só podem ser empregadas para indicar **lugar**”³. Tal prescrição se repetirá noutros normativistas, conforme apontaremos na sequência.

A professora Maria Tereza de Queiroz Piacentini (2003) faz, a respeito do relativo “*onde*,” a seguinte consideração:

A preocupação maior de revisores, tradutores e pessoas que desejam escrever com excelência reside no emprego do pronome, (*onde*) que tem sido usado a torto e a direito como se fosse universal, valendo por “que, quando, cujo, o qual”. (PIACENTINI, 2003)

Como se pode perceber, Piacentini (2003) aventa a possibilidade de realização do pronome em construções outras que não retomando a noção de lugar, mas diz que usar o “*onde*” nesses contextos é algo que não condiz com o que ela chama de “escrever com excelência”. Embora a autora não deixe claro o que quer dizer com “universal”, é interessante o fato de ela registrar o uso do pronome em lugares vários que não aqueles atestados por ela e por outros normativistas. Mais que isso, ela diz que, nestes casos, em que a construção relativa não condiz com o padrão normativo da língua, há a possibilidade de o pronome “*onde*” sempre poder ser substituído por outro pronome para que se possa “deixar correta” a construção, ou seja, na concepção dela, sempre podemos substituir o relativo “*onde*” por outro mais adequado sem que precisemos mexer na estrutura frasal.

Em seguida a esse comentário, Piacentini (2003) diz que o pronome “*onde*” deve sempre retomar a idéia de lugar, e ela ainda traz exemplos em que o pronome

² A casa onde moro é espaçosa. Exemplo da pág. 172 de Bechara 2004.

³ Grifo do autor.

teria sido mal utilizado, mas que substituído por um dos relativos por ela apontados tem-se resolvido o “problema” em questão. Ela não traz, porém, construções como **(2)**, **(3)** e **(4)**, apontadas na seção anterior deste trabalho.

Afirmar que os pronomes “*onde*” dos enunciados acima referidos podem ser substituídos por outros relativos, sem um ajuste da estrutura frasal e sem mudança de sentido, parece um tanto arriscado. Mas não entrarei nesta discussão, mesmo porque não é este o objetivo deste trabalho, tampouco desta seção.

E mesmo que as substituições possam se efetuar em muitos casos, o fato é que o pronome se mostra produtivo na língua nestes contextos, sem qualquer mudança. Outro comentário interessante dessa autora, é que “Todo onde equivale a em que, mas nem todo em que equivale a onde” (PIACENTINI, 2003).

Dílson Catarino (2008) é outro professor que trata do tema. Catarino sequer cogita as outras construções apontadas por Pecentini. Apenas diz a mesma coisa que ela no que se refere ao fato de a substituição por “em que, no qual, na qual” resolver o problema, adequando a construção ao padrão normativo da língua portuguesa.

A professora Fátima Pimentel (2007), também preocupada com a norma padrão, traz duas construções, segundo ela, retiradas de *blogs* da internet, são elas: “queria ter um amigo de verdade, **onde** ligasse pra mim todos os dias”; e “Conheça ainda nosso Plano de Fidelidade, **onde** concedemos descontos de até 10% e Frete gratuito” (grifos nossos).

Embora tenha trazido essas duas frases, ela diz que ambas estão “erradas” pelo fato de as palavras retomadas pelo pronome não constituírem um advérbio de lugar e que o pronome em destaque deve ser substituído pelo pronome “que”. Percebe-se que, em tais construções não cabe a preposição “em” antes de “que”, o que refuta a premissa dos dois professores anteriormente citados, pois, na realidade, ao que parece, eles sequer consideram a existência dessas construções.

Humberto Bruno Pontes (2008) também comenta o uso do pronome “*onde*” na Língua Portuguesa. Segundo texto postado em seu blog⁴, o pronome “*onde*” se refere a um termo antecedente e assume o papel de adjunto adverbial de lugar e, conforme postulado por outros autores até agora elencados, também ele trata do fenômeno sob o ponto de vista normativo, descreve como “deve” acontecer o uso do

⁴ Fonte: <http://apconcursos.blogspot.com>

“*onde*” e acaba por afirmar que “quando não tiver certeza se se trata mesmo de lugar, opte por usar em que”.

Endossando também tais posicionamentos, Cunha e Cintra (2001, p. 351) trazem o pronome relativo “*onde*” como um pronome que “desempenha normalmente a função de adjunto adverbial de lugar (lugar em que, no qual)”. Estes autores, porém, não impõem restrições sobre seu uso, limitam-se a essa descrição, além de trazerem exemplos de textos literários que comprovam o uso por eles descrito.

Como se pode perceber, a tradição gramatical descreve o uso do pronome “*onde*” de maneira não muito divergente de autor para autor. Alguns se alongam mais na descrição, outros na imposição de normas, mas comungam de um ponto comum: o pronome “*onde*”, quando relativo, deve retomar a idéia de lugar constituinte do termo antecedente, assumindo, pois, a função sintática de adjunto adverbial de lugar (CIPRO NETO; INFANTE, 2008, p. 432). Ou ainda podendo ser classificado como advérbio relativo por alguns gramáticos, como ensinam Cunha e Cintra (2008, p.365).

2.2 A Descrição do “*onde*” sob outras óticas

O mundo é grande e pequeno.
Carlos Drummond de Andrade

Janice Helena Chaves Marinho (1999, p.166) tratando do “*onde*”, parte da gramática funcional e vem abordar o uso do pronome sob a ótica da gramaticalização, embora muito presa às questões normativas da língua, deixa claro em seu trabalho que reduzir as questões do relativo “*onde*” como “erro” seja reduzir o fenômeno ao produto. Todavia, sem considerar o processo, a autora trata as construções com o “*onde*” como problema de coesão. O aspecto normativo de seu texto fica latente em excertos como o que se segue:

O emprego inadequado – em que se desobedece à norma do português padrão – de elementos coesivos pode levar a dificuldades na leitura, uma vez que interfere no estabelecimento de inferências bem como na formulação de previsões, processos que fazem parte da compreensão da linguagem. (MARINHO, 1999, p. 162).

Como nos manuais normativos, a autora supõe, para grande parte dos enunciados de seu *corpus* a possibilidade de permuta entre o pronome “*onde*” e outros relativos. Contudo, ela aponta para o fato de haver construções em que a substituição simples do relativo não “resolve” o problema. Assim temos:

- (5) Geralmente são três os entrevistados onde cada entrevista é separada pelo tempo comercial e ao final do programa há quase sempre uma apresentação musical.**
- (6) Gama Cury reconhece que estes verbos têm predicação incompleta, se completa com um adjunto adverbial, isto é que faz o papel de complemento, onde deveriam ser chamados de transitivos, mas ele não vai contra a nomenclatura tradicional e os classifica como intransitivo, isto é incoerente⁵.**

Segundo Marinho, nessas ocorrências, o “*onde*” poderia mesmo ser retirado do contexto sem um prejuízo de sentido, ainda segundo ela, o “*onde*” funcionaria como conector, elo coesivo do texto.

Carla Viana Coscarelli (2003, p.7) analisa estes e outros exemplos do trabalho de Marinho (1999), sobre os quais comenta:

Analisando vários exemplos desse trabalho e de outros textos, acredito que o **onde** indica um lugar, não necessariamente físico, ou seja, é uma manifestação linguística e ostensiva de uma intuição do falante que revela uma forma de processamento em que espaços mentais são construídos e usados como base do processamento dos enunciados.

O comentário de Coscarelli (2003, p.7) aponta para uma discussão dentro do que buscamos com esta dissertação, explicar o “*onde*” sob uma perspectiva que permita explicitar o seu processamento pela mente humana; seu trabalho, contudo, não se atém a esse fenômeno específico do pronome “*onde*”, por isso mesmo, acaba por não explicá-lo nos termos que procuraremos discutir nesta pesquisa.

Também Leila Lauar Sarmiento (2006, p. 88), ao discutir elementos de coesão, relaciona o “*onde*” à idéia de lugar. Tendo esta autora definido texto coeso como aquele que é “produzido por meio da organização de palavras que se unem, adequadamente, umas às outras” (SARMENTO, 2006, p. 88), percebe-se

⁵ Exemplos retirados do trabalho da autora citada (Marinho, 1999).

claramente que a noção de adequação está calcada numa perspectiva que, em certo nível, cristaliza as possibilidades de realização de um item gramatical, ou mesmo de um sintagma, como se houvesse um enquadramento, relativamente rígido na língua, e que, a “transgressão” disso acarretasse perda de coesão. Como ela mesma atribui ao “*onde*” a noção de lugar, a realização que se dê fora disso será uma má formação, a autora não trata, entretanto, de construções que não trazem em sua estrutura a noção tradicional de lugar, mas ao relacionar o “*onde*” a esta noção, tacitamente liga o pronome à idéia.

Retomando o trabalho de Marinho (1999), notemos que, ao tratar de Gramaticalização, ela diz que a “constatação desse fenômeno nas duas manifestações linguísticas – na fala e na escrita – conduz à hipótese de que o “*onde*” está em processo de gramaticalização” (MARINHO, 1999, p.168) e, em seguida, citando Castilho, ela afirma que gramaticalização é:

o caminho percorrido por uma palavra, ao longo do qual ela muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na oração, sofre alterações semânticas, morfológicas e fonológicas, e inclusive desaparece, como consequência de uma cristalização extrema. (CASTILHO, apud MARINHO, 1999, p. 168)

Ao se referir a “caminho percorrido” no contexto da gramaticalização, certamente a autora trata da “unidirecionalidade” do processo de gramaticalização, o que pressupõe um movimento linear, o que não se sustenta dentro do quadro teórico em que estará inserido este trabalho. E é por meio de argumentos do próprio Castilho (2007, p.233) que refutamos tal linha de análise. Para Castilho, um processo que supõe um percurso percorrido de itens linguísticos do léxico para a gramática pressupõe uma concepção de língua que separa léxico de gramática, como se ambos não constituíssem uma mesma coisa: a língua. Inclusive, a propósito disso “os pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado comprovam abundantemente o polifuncionalismo inerente aos itens lexicais, contrariando esse pressuposto” (CASTILHO, 2007, p.233).

Pensar na questão do “*onde*” sob o ponto de vista funcionalista certamente será produtivo sob o ponto de vista da coesão e da coerência, mas certamente não resolve o problema do entendimento desse fenômeno quanto aos seus mecanismos computacionais inerentes ao processo de sua realização.

Ao fazer uma afirmação como esta, poder-se-á depreender disso uma crítica aos estudos funcionalistas da linguagem, mas não é este o intuito. Embora encontremos entre autores funcionalistas afirmações do tipo: “As limitações do gerativismo em determinadas áreas de pesquisa levaram os linguistas a buscarem outras alternativas” (SOUZA E PANTE, 2006, P.1), não acreditamos nestas limitações, ou melhor, limitações sempre haverá, seja qual for a linha de análise escolhida. O que nos leva, então, a não adotar a perspectiva funcionalista não é a sua limitação, mas o fato de o escopo desta pesquisa abranger, justamente, um dos principais motes do Gerativismo: as configurações computacionais da mente humana. Ou seja, o trabalho de Marinho (1999) acima citado, não atende às expectativas desta dissertação justamente por se preocupar com a coesão e com a coerência do texto numa perspectiva padrão, ou da adequação de textos diversos à linguagem padrão, tomando como ponto de partida a língua como produto, e não como processo. Dado isso, não encontramos na abordagem de Marinho (1999) subsídios para o tratamento que pretendemos dar ao fenômeno nesse nosso trabalho.

Para Luiz Carlos Travaglia (1996, p. 111), por exemplo, a gramática funcional, ou gramática de uso:

(...) é não-consciente. Implícita e liga-se à gramática internalizada do falante. No ensino ela se estrutura em atividades que buscam desenvolver automatismos de uso das unidades, regras e princípios da língua (ou seja, dos mecanismos desta), bem como os princípios de uso das diferentes variedades da língua. Essas atividades, portanto, são especiais para a finalidade de alcançar a internalização de unidades linguísticas, construções, regras e princípios de uso da língua para que estejam à mão do usuário, quando deles necessitar para estabelecer a interação comunicativa em situações específicas. As atividades mais bem montadas e conhecidas para esse fim são os exercícios estruturais.

Diante do fato de, na concepção de Travaglia (1996), a gramática de uso estar ligada à Gramática Internalizada do falante, sua perspectiva em algum nível se aproxima do que aqui aventamos alcançar, embora pretendamos abordar a descrição de fenômenos ligados diretamente à língua Interna. E por isso, para esta dissertação, entendem-se, como princípios da linguagem, as operações internas, inerentes ao falante, e que por isso não se separa da língua em sua materialidade. Ou seja, interessa a este trabalho o ser de linguagem no processo de interação

linguística, e não necessariamente a materialidade dessa linguagem em contextos vários.

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2004, p. 123) trazem uma frase em que o pronome “*onde*” pode ser substituído por “em que e no qual”. Em seguida as autoras afirmam que “a frase (...) preenche as condições necessárias ao emprego do relativo onde, cujo antecedente deverá conter necessariamente a idéia de lugar, espaço físico ou nocional”. Para além dessa proposição que, de certa maneira, limita o uso do pronome, há ainda um teor normativo que não condiz com uma descrição linguística. Até mesmo porque, na sequência, Silva e Koch (2004, p.123) trazem um exemplo de construção com o pronome “*onde*” ao qual chamam de “inadequação”. Abaixo transcrevemos o exemplo.

(7) *Nos tempos atuais, onde impera a violência, precisamos estar sempre prevenidos contra os assaltos⁶.

O enunciado, embora não reflita uma construção “autorizada” pela tradição gramatical, é produtivo na língua portuguesa, contendo ou não o que as autoras chamam de idéia de lugar. E quando nos atentamos ao fato de que o trabalho dessas autoras se inscreve num quadro teórico por elas chamado de Gerativista Transformacional, a análise feita por elas se mostra ainda mais frágil, dado o fato de que a língua portuguesa “gera” tais enunciados tanto na modalidade oral, quanto na escrita, o que é atestado, inclusive, pelo enunciado trazido por elas.

Mario Perini (2001, p. 334) inclui o “*onde*” entre as conjunções subordinativas da língua portuguesa em sua “Gramática Descritiva do Português”, e afirma que “conjunção é a palavra que precede uma oração”. Afirma ainda que, no caso das relativas, a conjunção, ou o conectivo, além de estabelecer uma ligação entre as orações “assume uma função sintática dentro da oração”. Perini (2001), porém, não aborda especificamente o caso do “*onde*”, como supramencionado, apenas o inclui entre tais conectivos. O que não deixa seu trabalho menos completo, uma vez que ele afirma que “este livro é uma tentativa de descrição de uma variedade padrão da

⁶ O asterisco marca agramaticalidade da construção, mas cabe ressaltar que não comungamos de tal posicionamento no que se refere a esse enunciado, aqui, apenas transcrevemos o asterisco do texto de Silva e Koch (2004, p.123).

língua portuguesa. Por conseguinte, ocupa-se basicamente da língua escrita” (PERINI, 2001, p. 25). Ou seja, sua pretensão é antes descrever, que explicar. E como se limita à língua padrão, não abarca construções como as que pretendemos analisar nesta dissertação.

Joaquim Matoso Camara Junior (2000, p. 11) já apontava o fato de gramáticas que se intitulam descritivas muitas vezes são normativas, mas que, algumas, “mais ambiciosas e melhor orientadas, procuram ascender a um plano que bem se pode chamar científico em seus propósitos, pois procuram explicar a organização e o funcionamento das formas linguísticas com objetividade e espírito de análise”. Ao que parece, a Gramática Descritiva de Perini se adéqua a essa proposição de Camara Jr., contudo, não é suficiente para o esclarecimento de que precisamos aqui, sobretudo por intencionarmos tomar as realizações não canônicas do “*onde*” como ponto de partida de nossas análises, enquanto Perini no trabalho citado analisa a língua padrão.

Vanda de Oliveira Bittencourt (2001, 2006) faz um trabalho que não se enquadra na perspectiva adotada nesta dissertação por seu cunho diacrônico, mas que será de suma importância na análise de nossos dados. Em seu trabalho ela se propõe a fazer uma análise do pronome “*onde*” e do pronome “*u*” em construções locativas do português medieval. Para tanto, elegeu como *corpus* as Cantigas de Santa Maria, texto do século XII.

Com tal trabalho, a pesquisadora mostra que as chamadas construções não canônicas com o uso do pronome “*onde*” já aconteciam nesse período, ou seja, ao contrário do que acreditam alguns estudiosos, não há necessariamente uma novidade em se usar tal pronome em construções em que a retomada dele não se dê sobre elementos locativos.

Bittencourt parte de dados colhidos aleatoriamente de construções do português atual. Por meio deles ela mostra alguns usos do pronome “*onde*” a que ela classifica em 6 diferentes tipos a saber⁷:

- 1- a - **Lugar virtual:** “Ele teve umas idéias muito boas *onde* [‘nas quais’] a gente pode se basear para escrever nosso trabalho.” (LO)

⁷ Os seis exemplos trazidos aqui são retirados do trabalho de Bittencourt, sem qualquer alteração.

- b - **Tempo**: “Foi entre os séculos XIV e XV, **onde** [‘quando’] se apagava o eco do lirismo trovadoresco em Portugal, que a língua galaico-portuguesa perdeu a sua hegemonia no campo da poesia lírica peninsular.” (LE)
- c - **Conclusão**: “— Professora, a senhora está aí falando, falando... sobre esse tal de Dom Duarte, mas, até agora, nada de falar sobre a nossa avaliação global...
— É **onde** [‘por isso que’] eu tenho que tirar o chapéu pro Marco Antônio e ser obrigada a concordar com ele que o que atrapalha a escola são os alunos.” (LO)
- 2- a - **Conclusão/dedução de um arrazoado**: “Escrita sobretudo por monarcas, a prosa doutrinária medieval parte do princípio que compete aos reis ensinar, em virtude de sua maior prudência e sabedoria, **onde** [‘pelo que’?] devem se constituir como um espelho para os súditos.” (LE)
- b - **Valor explicativo, causal, conclusivo**: “D. Duarte foi um homem de amplos conhecimentos, quais sejam, a cultura e a instrução. **Onde** (?) essas virtudes demandam a curiosidade intelectual, sendo ele dotado deste acurado privilégio espiritual.” (LE)
- c - **Negação irretorquível**: “— Que tal você ir lá no “Espetinho” e comprar uns comes-e-bebes para nós?
— **Onde** [‘qual é?’, ‘de jeito nenhum’], cara?! Está pensando que eu sou o quê?” (LO)

Bittencourt divide os exemplos em dois grupos porque, segundo ela, os enunciados de (1) são de uma interpretação bem mais tranquila do que os enunciados de (2), já que em (2) o referente existe, mas não está tão explicitado, embora seja “inferível”. A partir de tais considerações sobre o português contemporâneo, ela parte para suas análises do latim clássico, tomando sua gênese e mudanças no português. Em sua análise, ela mostra que o “*onde*” na sincronia atual denota “lugar em que”, “lugar onde”, mas que, quando era grafado como *ūnde* ou *ūbi*, denotava lugar de que, ponto de partida, lugar de origem. Ou seja, o “*onde*” nessa concepção é resultado de uma mudança semântica. Mais que isso, ela mostra que, já no latim clássico, tais pronomes já eram usados como conectivos interoracionais. Além do mais, ainda há evidências de que o “*onde*” era usado na concepção de “tempo” e não só de lugar no latim vulgar. O que demonstra que tais usos do “*onde*” no português não são novos.

Um trabalho de caráter histórico, diacrônico e, sobretudo, numa perspectiva funcionalista não resolve os problemas aqui investigados. Ou seja, o trabalho de Bittencourt nos abre muitas perspectivas, sobretudo de considerar o fenômeno como constituinte do pronome “*onde*” desde a gênese da língua portuguesa, e não de uma inovação da sincronia atual dessa língua. Apesar disso, o trabalho dela não revela

as operações sintático-discursivas ou configurações computacionais no que se refere à construção com o “*onde*”. Todavia, tomaremos por base as definições dessa autora no que diz respeito ao funcionamento do pronome para, por meio de tais definições, descrevermos parte do comportamento do pronome.

Na gramática do Português Culto Falado no Brasil, GPCFB, Vol. 3, organizada por Kato e Nascimento (2009) o pronome “*onde*” se configura em termos do que Braga, Kato e Miotto chamam de “construções-Q” do Português. Embora tragam explicações bastante esclarecedoras no que diz respeito ao comportamento de tais construções, explicações que retomaremos nos próximos capítulos desta dissertação, quanto ao “*onde*” se limitam a tratar dele como um relativo que retoma sintagmas que contêm em si a noção de lugar, afirmando, com isso, que há, no próprio pronome, essa noção. Ao que parece, o *corpus* analisado por esses pesquisadores não possuía as construções de que tratamos aqui, mas apenas o que eles chamam de relativas-padrão, pelo menos no que se refere ao pronome “*onde*”. Ou se o *corpus* possuía tais construções, as discussões em torno disso não estão na Gramática do Português Culto Falado no Brasil. A despeito disso, a GPCFB traz ampla explicação das construções-Q no PB, por isso mesmo, essa obra será fundamental para o entendimento dos princípios computacionais envolvidos na produção do “*onde*”.

Como acreditamos que tenha ficado claro, o uso do pronome “*onde*” já foi abordado por diferentes autores, em diferentes perspectivas teóricas. Sob o ponto de vista normativo, em muito pouco se difere o posicionamento dos diversos autores. Basicamente, o pronome “*onde*” é descrito como conjunção, uma vez que encabeça a oração subordinada. Por sua configuração de pronome relativo, ele retoma um termo ou um sintagma da oração principal, e assume, na subordinada, a função de adjunto adverbial de lugar. Dado isso, dita a norma da tradição gramatical que, qualquer retomada que não se processe nesses termos não é atestada como “correta” e precisa ser modificada, seja por meio da mudança do “*onde*” por “em que, no qual” ou equivalentes; seja por meio de mudança do enunciado para que o mesmo se enquadre nos moldes estabelecidos por esta mesma tradição.

Autores como Perini (2001), Marinho (1999), Silva e Koch (2004), Sarmento (2006), Travaglia (1996) e Bittencourt (2001) trazem contribuições que, do ponto de vista descritivo em muito contribuem para a compreensão do uso do pronome

“*onde*”, ou mesmo para seu uso adequado e coeso em textos escritos ou falados, mas que, dados os objetivos de seus trabalhos, não alcançam os propósitos que aqui se buscam. E mais, até por, à exceção de Marinho (1999) e Bittencourt (2001), nenhum desses trabalhos abordar o “*onde*” como objeto primordial de suas análises, não há um aprofundamento nas discussões a ponto de se esclarecerem as configurações computacionais do pronome em questão.

Mesmo no trabalho de Braga, Kato e Mito (In: KATO; NASCIMENTO, 2009) que trata justamente de configurações computacionais, inclusive de pronome relativos no português, não há uma discussão específica em torno das construções com o pronome “*onde*” em construções não canônicas.

Dando continuidade à descrição do quadro geral em que se encontra o fato de linguagem que, afinal, é nosso objeto de pesquisa, Coscarelli (2003) chega a tocar no problema específico do pronome “*onde*” na perspectiva dos espaços mentais, contudo, seu trabalho toma outra direção uma vez que seu intuito é abordar a hipertextualidade como constituinte de todo texto. O pronome “*onde*” foi apenas um ponto de sua discussão, não dando a ele a descrição e a explicação que pretendemos dar por meio deste trabalho.

Visto dessa maneira, este trabalho pretende descrever e explicar as configurações sintáticas pertinentes ao pronome “*onde*” no Português Brasileiro, ou mais especificamente, a função do “*onde*” na configuração de adjuntos sentenciais do Português Brasileiro. Para tanto, no próximo capítulo, explicitaremos os pressupostos teórico-metodológicos que adotaremos na constituição de nosso Modelo e Processamento Discursivo por meio do qual analisaremos o “*pronome onde*”

Foi um gol de classe
Onde ele mostrou sua malícia e sua raça
Jorge Ben Jor

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Vamos, a seguir, explicitar os pressupostos teórico-metodológicos que adotamos visando a identificar e a explicar os mecanismos computacionais envolvidos na ocorrência do “*onde*” no português brasileiro em construções que aqui denominamos “não canônicas”.

3.1 A noção de Linguagem Adotada

Neste trabalho, adotamos a noção de linguagem de Hauser, Chomsky e Fitch (2002, 2005). Segundo tais autores, a linguagem humana em Sentido Estrito é biologicamente determinada, e como tal deve ser estudada, no âmbito das ciências naturais.

Visto assim, estudar a linguagem é estudar fenômenos da mente/cérebro, o que, para Chomsky (2005), está destituído de qualquer conotação metafísica, e por isso deve ser estudado como se estuda qualquer outro órgão humano.

É a partir dessa concepção de linguagem natural que pautaremos todo nosso trabalho. Para Hauser, Chomsky e Fitch (2002 e 2005), a linguagem é um sistema, mais precisamente, a Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo (*Faculty of language in the broad sense*) (FLSA) abriga diversos subsistemas, entre eles o percepto-articulatório e o conceitual-intencional, que são na realidade níveis de interface que, por meio de algumas operações, transformam os sons da língua em significado.

Para este trabalho, um outro componente da FLSA que nos interessa sobremaneira é a Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito (*Faculty of Language in the narrow sense*) FLSE. Na realidade FLSE é o sub-componente computacional, que se restringe à recursão, operação básica do processamento cognitivo que torna possível, a partir de um número finito de dados, gerar um número infinito de sentenças numa língua. Noutras palavras, a FLSE constitui a chamada Língua-I, um sub-componente de FLSA, a partir do qual consideraremos o fenômeno particular estudado nesta dissertação.

Nessa perspectiva, quando um adulto tem seu órgão da linguagem relativamente estabilizado, dizemos que ele já tem uma língua, e esta língua é um estado da faculdade da linguagem, chamada de da língua-I, que recebe esse nome por ser Interna, Individual, Intensional, numa “formulação efetiva dos princípios gerativos⁸” (Chomsky, 2004).

A FLSE, a partir de um conjunto finito de dados, torna possível a construção infinita de expressões linguísticas. Esse é um dos princípios básicos da Gramática Gerativa. A sintaxe é, portanto, o “arranjo” desses dados, uma junção inteligível de som e significado, junção sintática essa que possibilita a articulação entre diversos níveis de interface.

3.2 A noção de Enunciação Adotada

Adotamos nesse trabalho também a noção de Enunciação proposta por Benveniste (2006), bem como os pressupostos imbricados na constituição do Aparelho Formal da Enunciação.

Ao iniciar o capítulo “a linguagem e a experiência humana”, ele afirma: “todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante” (BENVENISTE, 2006, p. 68). Na sequência dessa assertiva, o autor considera a relevância de se estudarem, no discurso, as categorias de Tempo e de Pessoa.

Para Benveniste, o sujeito se instaura no discurso ao colocar a língua em funcionamento, instaurando o que ele chama de Instância de Discurso, um modelo que, de maneira dialógica, organiza o discurso, instituindo o “eu” e o “tu” da interlocução, constituindo o Aparelho Formal da Enunciação. As relações que se estabelecem em tal aparelho são, por natureza, dinâmicas, constituem um processo. “Aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador *eu* a ele-mesmo que fala” (BENVENISTE, 2006, p. 69). Este “*eu*” institui, mesmo que de maneira implícita, o “*tu*”, de forma que a correlação “eu/tu” se oponha a “*e/le*” e, então, nas palavras do autor, “uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda”. (BENVENISTE, 2006, p. 69).

⁸ The actual formulation of the generative principles. (Livre tradução).

Tendo em conta as noções de Tempo trazidas por Benveniste, consideramos que o tempo da enunciação, o tempo linguístico, é o tempo da realização do discurso em si. Todos os outros tempos, ou seja, o presente, o passado e o futuro, são construídos, referenciados, estabelecendo-se no discurso a partir do referencial do Tempo Discursivo, o Tempo Axial, o Agora da enunciação.

Então, percebe-se, no discurso o sujeito se instaura numa relação intersubjetiva, o “*Eu*” e o “*Tu*” se constituem na enunciação, isso se dá num dado momento, o “Agora” discursivo, o Tempo único da realização do discurso. Ou seja, é no Tempo/Espaço da enunciação que os Sujeitos da fala se instauram, instituindo com isso enunciador e enunciatário; postos num dado tempo, num dado espaço, estabelecendo uma relação vital entre Locutor e Enunciação. Cada instância de Enunciação representa um Espaço Referencial Básico. Assim, cada instância do discurso estabelece um “centro de referência interno” (BENVENISTE, 2006, p.84).

Mais que isso, toda a cena enunciativa acontece num dado lugar, o “Aqui” discursivo, o lugar no qual o “*Eu*” se coloca no discurso, e com isso se constitui a configuração do lugar, do espaço discursivo. O sujeito então não só se instaura, como ainda, por meio do que Benveniste vem chamar de “indivíduos linguísticos” localiza-se, no Tempo e no Espaço discursivo, através do que denominamos processamento dêitico, a dêixis da enunciação. E por ser processual, não a tomamos por itens lexicais, mas pelas operações constituintes da localização temporal do sujeito discursivo.

É relevante aqui constatar o fato de que todo esse processamento não se aplica apenas a uma língua, ou mesmo a um conjunto específico de línguas, mas a todas as línguas naturais, ou por que não dizer, a toda linguagem humana. Isso condiz com os postulados de Hauser, Chomsky e Fitch (2002, 2005), segundo os quais, as línguas naturais, todas elas, partilham operações constitutivas comuns. Ou seja, podemos dizer que as operações constituintes do Aparelho Formal da Enunciação instanciam princípios que regem as línguas naturais. E para nos valermos das palavras de Benveniste:

Entre o *eu* e um nome referente a uma noção lexical, há não apenas as diferenças formais, muito variáveis impostas pela estrutura morfológica e sintática das línguas particulares. Há outras que se prendem ao próprio *processus* da enunciação linguística e que são de uma natureza mais geral e mais profunda. (BENVENISTE, 1995, p. 278).

Para melhor explicitar a noção de enunciação de Benveniste, tomemos o seguinte excerto:

É preciso tomar cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação (BENVENISTE, 2006, p.82)

Ou seja, a organização discursiva está diretamente ligada ao processamento do “*eu*” discursivo, e isso é parte de toda linguagem humana, a despeito de qualquer especificidade de um idioma particular, ao que Chomsky considera parte dos princípios da língua.

Noutras palavras, conforme já apontamos nesta seção e na anterior, a noção de Linguagem que norteia nossa análise é a de língua natural. Adotamos ainda a noção de Enunciação e, a partir disso, formularemos nossas análises sobre o nosso objeto de investigação, uma vez que, “além das formas que comanda, a enunciação fornece ainda condições necessárias às grandes funções sintáticas” (Benveniste, 2006, p. 86).

3.3 Predicação, Complementação e Adjunção em Português

3.3.1 Predicação e Complementação.

Este trabalho, como ora estabelecemos neste quadro teórico-metodológico, pretende abarcar o fenômeno das ocorrências do “*onde*” denominado não canônico, no português do Brasil, enfocando seu licenciamento a partir de princípios e processos da língua-l. Para tanto, alguns pontos básicos precisam ser retomados a fim de se configurar a análise de nosso *corpus*.

Há, neste quadro, dois subsistemas de interfaces, a interface articularório perceptual (AP), e a interface conceptual-intensional(CI), que são alimentadas pelo subsistema computacional, a Língua-l. Quando, nestes termos, falamos que gramática são operações básicas do sistema computacional que ligam som a significado, estamos afirmando que a interface AP (som), encontra interpretação na interface CI (significado). Contudo, isso diz muito pouco de todo processo de produção/interpretação linguística. É preciso ainda que tenhamos senão uma explicação, ao menos uma descrição mais criteriosa do processo de linearização

dos enunciados, para a qual é interessante que tenhamos em conta a ordem das categorias na materialidade desses enunciados, a partir da atribuição de caso que se dá na interface AP; e ainda correlacionarmos isso à atribuição de papéis temáticos que acontece na interface CI.

Interessa-nos, pois, para o caso específico do “*onde*”, como se processa a atribuição de caso e de papéis temáticos. Ou seja, o questionamento que ora fazemos é: de que maneira o sistema computacional encarrega-se de articular a Estrutura Temática e a ordem dos constituintes estabelecidas pela atribuição de Caso na realização das estruturas que até aqui estamos chamando de realizações não canônicas do pronome “*onde*”?

O léxico, conforme se entende neste quadro, divide-se em categorias de diferentes tipos. São eles: **predicados, argumentos e itens funcionais**.

Os **predicados** possuem uma Estrutura Temática, ou seja, atribuem papéis temáticos, ao passo que os **argumentos** realizam esta Estrutura Temática atribuída pelos predicados. Visto assim, argumentos não possuem a Estrutura Temática. Para além deles, há itens que não atribuem e nem realizam papéis temáticos, mas possibilitam sua realização: são os **Itens Funcionais**.

Para que a estrutura argumental de uma sentença seja “legível” na estrutura material da sentença, em AP, é essencial que os argumentos recebam Caso. Um argumento, Interno ou Externo, necessariamente deve receber um caso acusativo, um caso dativo, ou um caso nominativo. À parte isso, temos estruturas adjungidas, o que discutiremos mais adiante. Lembremo-nos de como ficam definidos argumento interno e externo na Gramática do Português Culto Falado no Brasil:

Argumentos internos estabelecem uma relação sintática direta com o verbo no interior de V', enquanto argumentos externos são os elementos que estão imediatamente dominados por SV e estabelecem uma conexão sintática com V'. À oposição semântica argumento externo/argumento interno corresponde a distinção sintática especificador/complemento (CYRINO; NUNES; PAGOTTO, in: KATO ; NASCIMENTO, 2009, p. 53).

Para melhor elucidação do que ora trazemos, vejamos como se dá, no português, a organização da sentença quanto a seus predicados e argumentos. Na perspectiva da GPCFB, perspectiva que também assumimos aqui, “a informação constante na entrada lexical de um verbo envolve, entre outras coisas, três especificações” (CYRINO; NUNES; PAGOTTO in: KATO; NASCIMENTO, 2009, p.50). São elas: o número de argumentos requeridos, por exemplo, por um verbo; o

papel temático deles e a sua realização sintática. Considera-se, ainda, que não apenas os verbos são predicados, mas os adjetivos e algumas preposições, ainda que aqui não façamos maiores considerações acerca disso.

Ou seja, sintaxe e semântica aqui não se separam. Já é inerente à entrada semântica do verbo, ou de outro predicado, o número de argumentos possíveis, que no caso dos verbos, no português ou em qualquer outra língua natural nunca é maior que três. Como ainda se vão se comportar como agentes, experienciadores, pacientes e etc., ou seja, qual o papel temático desses argumentos.

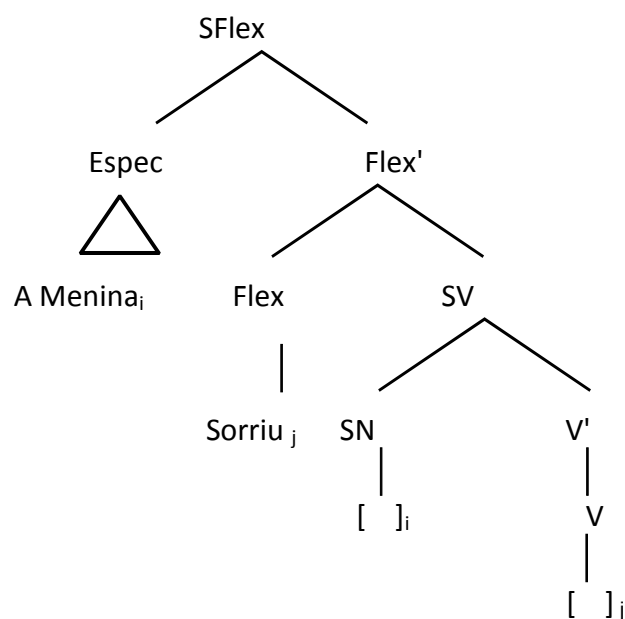
E ainda no verbo há a informação de como se dá a realização do argumento, se como sintagma nominal, se preposicionado etc.

Vejamos, pois, as seguintes construções.

- (8) **A menina sorriu.**
- (9) **A menina lavou as mãos.**
- (10) **A menina deu a boneca para a coleguinha.**
- (11) **A menina é linda.**

Em (8), o predicator é o verbo “sorriu”, verbo esse que seleciona um argumento externo, no caso, “a menina”. A esse argumento é atribuído o papel temático de experienciador e sua realização é como sintagma nominal:

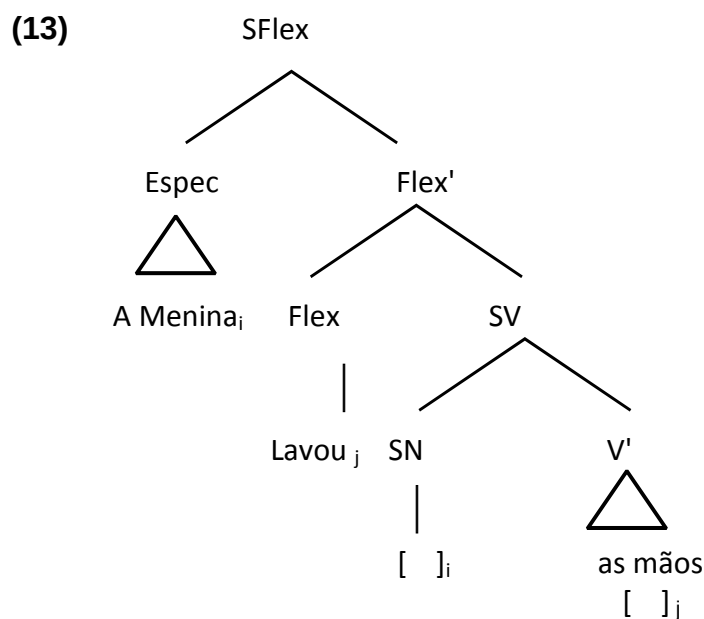
(12)



Como se percebe na estrutura arbórea, o Argumento Externo se move para Espec. de SFlex, o verbo se move para Flex, para, numa operação morfológica, incorporar a flexão. Na posição de sujeito, recebe o caso nominativo e, se pronominal, exibiria o caso reto (ela). Tendo em conta a predicação da estrutura, dizemos que tal estrutura satura com um argumento, como aconteceu no exemplo (8), representado em (12).

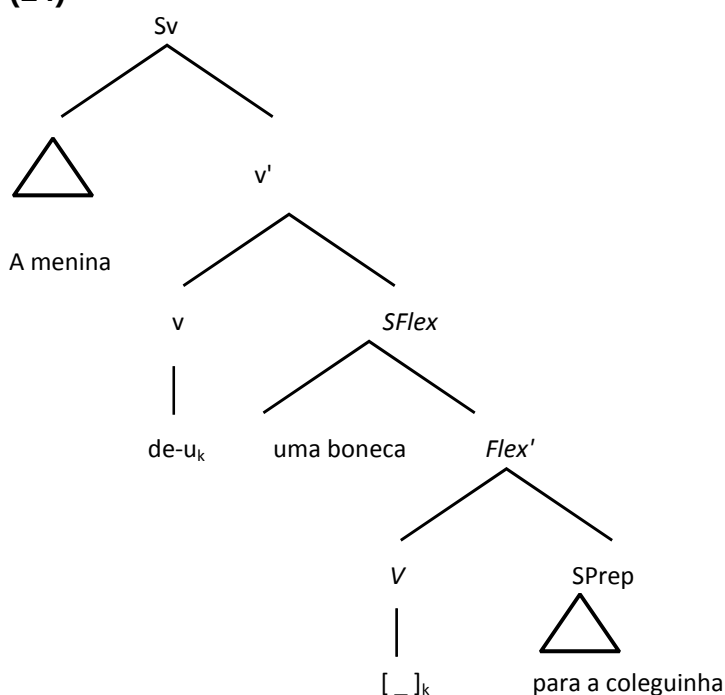
Cabe ainda ressaltar que, como mostra a estrutura arbórea, o verbo está saturado com o preenchimento do Espec. Para este predicator, não são, portanto, necessários outros argumentos, alias, não cabem outros argumentos na estrutura. A ela só poderiam ser acrescentados adjuntos, que não expandiriam o núcleo desses predicados, mas a projeção máxima deles, pendurados à sua borda, o que discutiremos mais adiante.

Em (9), representado em (13), o predicator é o verbo “lavar”, diferentemente de “sorrir”, ele seleciona dois argumentos, um externo e outro interno. Quando isso acontece, o externo fica sendo o sujeito, recebendo o caso nominativo e concordando com o verbo, com quem assume uma relação indireta, no caso em questão quem ocupa este lugar é “a menina”. “as mãos” é o argumento interno, recebe caso acusativo e por isso mesmo se realiza como um sintagma nominal com o Caso Acusativo, possui uma relação direta com o verbo, de quem é irmão na estrutura arbórea.



Em **(10)**, encontramos um verbo cuja saturação só ocorre quando da realização de três argumentos; um externo e dois internos. O externo, “a menina”, é o sujeito, recebendo, a exemplo do que ocorreu em **(8)**, o caso nominativo e exibindo a concordância verbal. O constituinte “a boneca” também recebe caso acusativo, é o complemento que acontece em forma de sintagma nominal. O constituinte “para a coleguinha” é o sintagma preposicionado que recebe caso dativo. Também aqui, o argumento Externo se move para o Espec. de SFlex e o verbo se move para Flex, incorporando a flexão numa operação morfológica.

(14)



Em suma, em **(8)**, **(9)**, e **(10)**, respectivamente representados por **(12)**, **(13)** e **(14)**, temos estruturas de predicados que se saturam, com um, dois e três argumentos. Nos exemplos em questão, os argumentos externos aconteceram sempre como sujeito, mas isso não vale para todo tipo de construção, como apontam Kato e Mioto,

se um verbo tem dois argumentos, o externo acaba sendo o sujeito da sentença (ou da predicação). Se um verbo tem apenas o argumento externo, este vai ser o sujeito. Se um verbo tem apenas o argumento interno, este (...) vai ser o sujeito. Por isso, é preciso estar atento para não aplicar a noção de sujeito apenas ao que é argumento externo nem confundir a noção de argumento interno com a de complemento. (KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p. 32)

Por fim, em **(11) (A menina é linda)**, encontramos uma estrutura algo diversa das três anteriores. Como se viu, os argumentos, internos ou externos, são argumentos selecionados pelos verbos, contudo, quando se tem um verbo de ligação, o sujeito não é argumento do verbo, mas do predicativo, conforme mostram Kato e Mito (KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p.31).

Cyrino, Nunes e Pagotto in Kato e Nascimento (2009, p.59-62) apresentam a distinção entre verbos inergativos⁹ e inacusativos¹⁰. Segundo tais autores, embora a tradição gramatical classifique como verbos intransitivos todos os verbos monoargumentais, o comportamento sintático de verbos com apenas um argumento não é necessariamente simétrico. A propósito disso, apresentam-se os seguintes exemplos, retirados da página 60 da obra supracitada:

1. a) Os últimos combatentes sumiram/caíram/desapareceram.
1. b) Sumidos/caídos/desaparecidos os últimos combatentes, a batalha terminou.
1. c) Os últimos combatentes estavam sumidos/caídos/desaparecidos.

2. a) A Maria tossiu/espirrou/dormiu.
2. b) *Tossida/*Espirrada/*Dormida a Maria, todos ficaram preocupados.
2. c) A Maria está *tossida/*esperrada/*dormida.

Conforme demonstraram Cyrino, Nunes e Pagotto in Kato e Nascimento (2009), o fato de “sumir, cair e desaparecer” se constituírem como orações de particípio absoluto, e como passivas estativas, como aparecem representadas em 1.b e 1.c, atrelado ao fato de “tossir, espirrar e dormir” (igualmente classificados como verbos intransitivos na tradição gramatical) não se realizarem da mesma maneira marcam a assimetria entre os verbos acima apresentados. Nessa perspectiva os verbos “sumir, cair e desaparecer” são classificados como inacusativos, ao passo que “tossir, espirrar e dormir” são inergativos. Para esta dissertação, porém, o fato mais relevante é que, com isso, podemos desvincular a posição de argumento interno ou externo da função de sujeito oracional. Normalmente a função do sujeito é ocupada por um argumento externo, mas na falta

⁹ Verbos com um só argumento, o qual normalmente desencadeiam a ação expressa pelo verbo, expressam uma atividade, não aceitam posposição do sujeito, não aceitam o particípio. Ex: verbos como cantar, caminhar, correr, dançar, falar, nadar, pular, respirar, voar, flutuar, andar (Ciriaco e Cançado, 2004).

¹⁰ Não aceitam um argumento que desencadeiam a ação expressa pelo verbo, aceitam a posposição do sujeito, não aceitam uma indeterminação do sujeito, aceitam o particípio. Verbos como adoecer, amanhecer, aparecer, surgir, morrer, sumir, desaparecer, desmaiar (Ciriaco e Cançado, 2004).

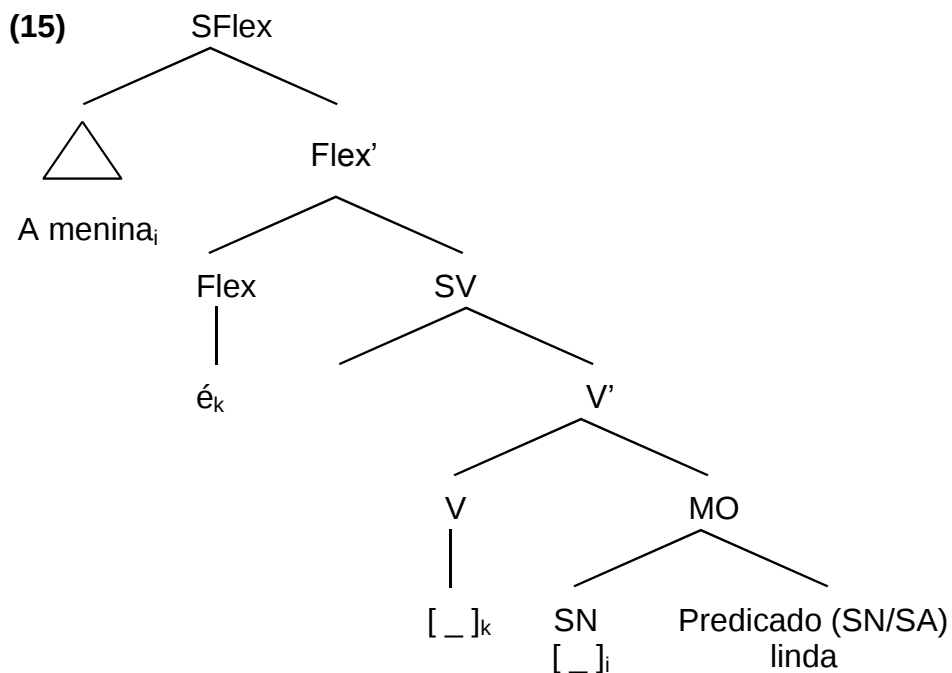
de um o argumento externo, o argumento interno é um legítimo candidato a ocupar tal função.

Voltando ao exemplo **(11)**, as considerações acerca da posição de argumento interno e externo também se mostram relevantes quando da análise dos verbos de ligação, uma vez que em **(11)** se “A menina” fosse argumento do verbo “ser”, admitir-se-ia uma construção como “A menina é lindo*”, contudo a sentença é mal formada, não por a menina não poder ocorrer como sujeito do verbo “ser”, mas por “lindo” não estar constituído como predicado de “a menina”.

Isso ocorre devido à “relação temática (que) se manifesta dentro do complemento dos verbos de ligação, em uma relação de predicação a que chamamos minioração (MO) (*small clause*) (KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p.31).

Assim temos: $[_{MO} \text{ a menina } [_{i}] \text{ linda}]]$. E é por isso que em **(11)**, a estrutura é essa: $[a \text{ menina}_i \text{ é } [_{MO} [_{i}] \text{ linda}]]$.

Ainda segundo os autores supracitados, “Ao se combinarem com verbos de ligação, o sujeito da MO passa a ser o sujeito gramatical da sentença, movendo-se de sua posição de origem onde deixa uma lacuna” (KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p.32). O que assim representamos:



Para nossa discussão, o fato mais preponderante e que merece ser reafirmado é que o julgamento de verdade sobre uma sentença só se estabelece a partir da saturação dos predicadores, ainda que isso se dê por um argumento foneticamente nulo.

3.3.2 Adjunção

Rocha e Lopes in Kato e Nascimento (2009, p. 195-206) trazem a respeito da adjunção relevantes considerações. Segundo elas, a sentença não pode expandir sua natureza categorial uma vez que está limitada a três argumentos, mas isso, do ponto de vista da predicação e da complementação, porque, do ponto de vista da adjunção, os fatos são outros. A adjunção se define, pois, pela não expansão da natureza categorial da sentença a que um adjunto se adjunge. Mais que isso, um argumento é selecionado pelo seu predicado. Por exemplo, é o verbo que seleciona seus argumentos, internos e externos, ao passo que na adjunção, é o adjunto que “escolhe” o verbo, ou qualquer outro elemento a que ele vai se adjungir. Apesar de relativamente livres, os adjuntos normalmente se comportam de maneira bastante uniforme, indicando que há sim restrições quanto aos seus movimentos. Restrições impostas pelos próprios adjuntos, e não pelos termos a que se adjungem.

Tendo em conta o fato de não serem selecionados pelo predicado, *a priori*, podemos adjungir quantos constituintes quisermos a uma sentença. Se não o fazemos, é por questões de ordem física, como, por exemplo, capacidade de memória. Sintaticamente não há restrição quanto ao número de adjuntos. Eles se juntam por exemplo, a constituintes verbais, nominais ou sentenciais, sem alterar-lhes a natureza categorial, já que não são selecionados por um núcleo.

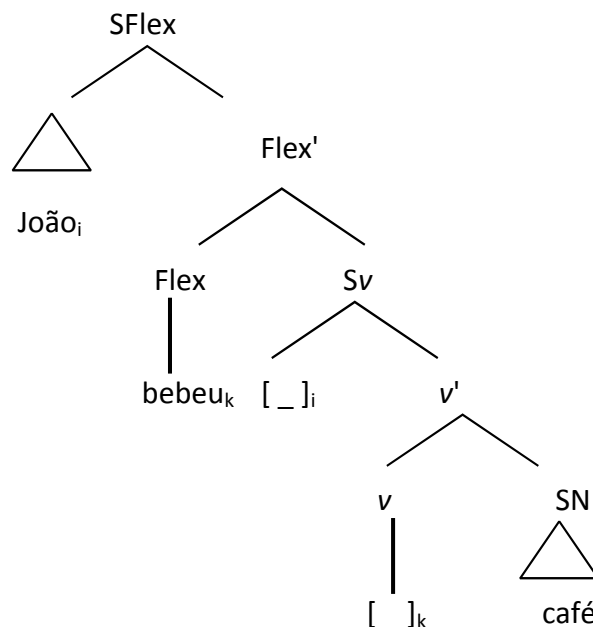
Cabe, porém, ser posto que, como afirmam Rocha e Lopes na Gramática do Português Culto Falado no Brasil, apesar de não ser selecionado, o comportamento de um adjunto é bastante previsível. Normalmente ele acontece em lugares específicos da sentença e isso traz implicações importantes para a construção de sentido. Para esta dissertação, interessa-nos representar como isso se dá numa estrutura do português, para tanto, tomemos os exemplos.

(16) João bebeu café.

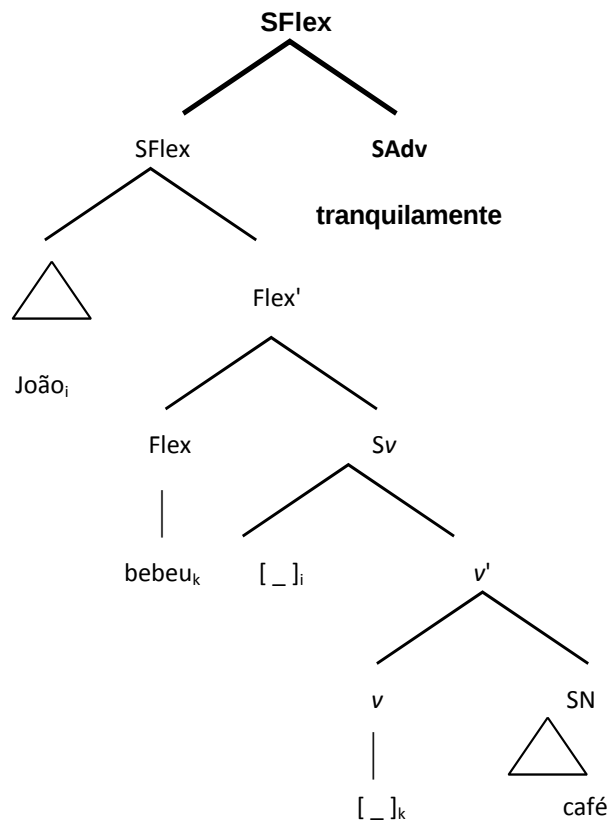
(17) João bebeu café tranquilamente.

O verbo “beber” em **(16)** e **(17)** seleciona dois argumentos, “João” e “café”. No caso em questão, “João” é um argumento externo, que recebe caso nominativo e concorda com o verbo, sendo, portanto, o sujeito. O constituinte “café” é um argumento interno e recebe caso acusativo. A partir dessa estrutura, a predicação e a complementação já aconteceram, ou seja, já podemos, a ela, atribuir sentido, uma vez que os predicados estão saturados. Contudo, as estruturas divergem umas das outras justamente pelos constituintes que estão além das fronteiras dos predadores e predicados. E o que se acrescentou a **(16)**, (tranquilamente) chamamos de adjunto, constituinte que se juntou a SFlex sem a seleção por parte de um núcleo. Os adjuntos têm escopos diversos, lançados ora sobre o constituinte nominal, ora sobre o verbal, ou mesmo sobre toda a sentença. À parte isso, numa representação arbórea, as sentenças acima assim podem ser representadas:

(18)



(19)



Como se pode perceber, o adjunto, representado em negrito, é pendurado nas bordas da projeção máxima, sem alterar a natureza categorial da sentença.

Os adjuntos, notadamente os adverbiais, gozam de uma dada liberdade quanto ao fato de ficarem à esquerda ou à direita do constituinte adjungido, contudo, isso fica preso ao tipo de adjunto. Ou seja, conforme Rocha e Lopes (2009, p.198-199) pontuam, embora o adjunto não seja selecionado, ele prefere uns constituintes a outros ao realizarem a adjunção.

3.3.3 As construções-Q

As construções-Q do Português merecerão aqui maior atenção devido à sua relevância para esta dissertação. Procuraremos agora mostrar como acontece a computação responsável pela organização de estruturas que contêm o pronome-Q em sua constituição.

O que aqui chamamos de pronomes-Q são os pronomes “*que, quem, qual, o que, **onde**¹¹, quando, como, quanto, cujo*” que, Segundo Braga, Kato e Mito (2009, p.241), “podem aparecer introduzindo diversos tipos de sentença: pergunta-Q matriz, pergunta-Q encaixada, relativa e relativa livre”, e que correspondem aos seguintes exemplos respectivamente:

- (20) **Quem gosta de tomar sorvete?**
- (21) Ainda não sei **quantos** virão à festa.
- (22) Hoje já não tenho os problemas de **que** falei.
- (23) **Quem** ama o feio, bonito lhe parece.

Conforme está posto acima, o “*onde*” está, a princípio, dentre as chamadas construções-Q. Justamente por isso, agora vamos proceder a uma representação dos mecanismos computacionais responsáveis pela organização dessas estruturas para posteriormente poder atestar a permanência ou não dele entre as construções-Q nas realizações não canônicas de que trata esta pesquisa.

(20) Quem gosta de tomar sorvete?

Este tipo de pergunta é chamada de pergunta-Q, justamente por conter um pronome-Q em sua estrutura. Perceba-se que a pergunta pressupõe a resposta, e o pronome-Q opera sobre esse pressuposto. No caso de **(20)**, a resposta ideal é o nome da pessoa que “gosta de tomar sorvete”. Se a pergunta fosse introduzida por um “quando”, esperar-se-ia a indicação de tempo, se por um “*onde*”, a indicação de lugar e assim sucessivamente conforme o traço do pronome-Q em questão.

É interessante notar que, em **(20)**, o pronome-Q ocupa o lugar de Espec. de Comp, a posição de argumento é uma categoria vazia deixada em seu movimento. O verbo “gostar” seleciona dois argumentos, um interno, constituído por SPrep, o que faz com que o SN complemento da preposição receba caso dativo; e outro, externo, que é o sujeito. O “quem” está como especificador de COMP. Se tivéssemos a estrutura:

(24) Você gosta de quê?

¹¹ Grifo nosso.

O pronome-Q estaria ocupando a posição do argumento interno, e a resposta pressuposta sobre a qual o pronome opera, seria esse argumento. Visto assim, a relação estabelecida entre o pronome-Q, em (24), é de complementação, ou seja, ele ocupa o lugar de um núcleo selecionado pelo predicator.

Em (21) “Ainda não sei **quantos** virão à festa”, a estrutura é de pergunta encaixada, e se assemelha, em alguns pontos, à pergunta matriz, analisada há pouco. A exemplo do que normalmente acontece, a pergunta-Q acontece para satisfazer uma exigência da sentença matriz, no caso de (21), a sentença encaixada realiza um dos papéis temáticos do verbo da sentença matriz. Tendo em conta que, na sentença encaixada, a pergunta se circunscreve apenas à própria encaixada, não temos a sentença inteira como pergunta.

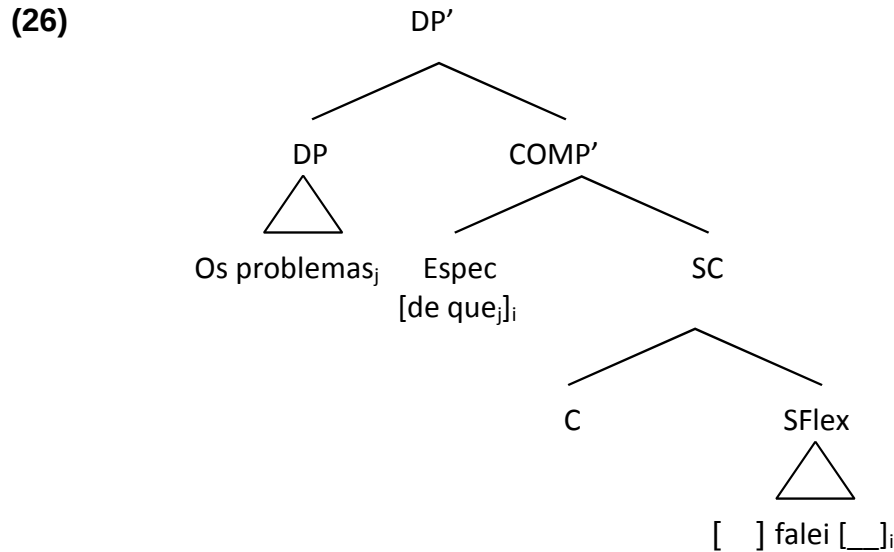
3.3.4 Relativas

Chamamos de relativa à sentença encaixada que compartilha, com a sentença matriz, um constituinte. Em nosso exemplo:

(25) Hoje já não tenho os problemas_i [_{sc}de que [_{SFlex} [_—]falei[_—]i]]

O SN “Os problemas” é o constituinte relativizado. “Os problemas que te falei” ocupa a posição de argumento interno do verbo “ter” na sentença matriz, argumento este, que acontece sem preposição, portanto, um objeto direto, ao passo que, na encaixada, anaforicamente, “de que” (“dos problemas”) é o complemento do verbo “falar,” no caso, um SPrep.

Abaixo, em (26), mostramos na árvore a parte relevante da estrutura para a compreensão da questão do relativo.



Como se pode ver na representação arbórea, a sentença encaixada é introduzida pelo do Sintagma Complementizador, ou seja, ela faz parte de um constituinte do verbo da sentença principal. Mais precisamente, de um argumento interno não preposicionado. Por isso, em (26),

está anotada a categoria vazia [_i] marcando o lugar de onde o pronome-Q foi movido, análise que é aplicada a uma relativa-padrão. Que houve movimento da expressão-Q nesse caso é geralmente admitido por dois motivos: primeiro, a preposição aparece junto ao pronome deslocado; segundo, o lugar onde a expressão-Q tem sua função gramatical é sistematicamente vazio. O movimento do pronome-Q, como aliás qualquer tipo de movimento, pode ser formulado como exigência do seguinte princípio: *existe um traço atrator na área de pouso do constituinte movido*. (BRAGA, KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.274)

A expressão-Q (de que) ocupa a posição de especificador de COMP, tendo se movido para a cabeça da sentença relativa, pois se permanecesse *in situ* como em (27) a sentença seria agramatical.

(27) *Hoje já não tenho os problemas falei de que.

O que houve em (26) é o que acontece com as chamadas relativas padrão. O pronome se desloca de seu lugar de origem, deixando uma categoria vazia, e com ele arrasta a preposição. O que podemos também representar da seguinte forma:

(28) Hoje já não tenho os problemas_i [_{SC} de que [_{Flex} [] falei [_i]]].

3.3.5 Resumptivas e Cortadoras

O português Brasileiro conhece ainda outros tipos de relativas, como as resumptivas e as cortadoras. Conforme apontam Braga, Kato e Mito, a resumptiva acontece quando o constituinte relativizado está presente também na sentença encaixada, como em (29):

(29) Eu conheço um homem _i [sc que _[Flex] ele pode te ajudar]].

Diferentemente do que acontece com as chamadas relativas-padrão, “a ocorrência do resumptivo indica que não houve movimento do pronome-Q, já que não há uma categoria vazia envolvida” (BRAGA, KATO, E MIOTO, In: KATO; NASCIMENTO, 2009, p.245).

No tocante às cortadoras, o que temos no Português Brasileiro são construções como a seguinte:

(30) Esta é a menina_i [sc que _[Flex] te falei[_i]].

Nessa estrutura, o pronome-Q não arrasta a preposição para junto de si. De maneira que o especificador de COMP, que nas relativas-padrão seria ocupado por “de que”, é ocupado apenas por “que”. Isso gera uma incerteza quanto à estratégia usada para a formação da sentença. Não se pode afirmar, segundo Braga, Kato e Mito, com certeza, se nesses casos o “que” é um pronome-Q ou um complementizador.

3.3.6 Relativas livres

Diferentemente das relativas com núcleo nominal, as relativas livres aparecem sem tal núcleo, com isso depreende-se que elas “nunca modificam um núcleo nominal” (BRAGA, KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p. 247).

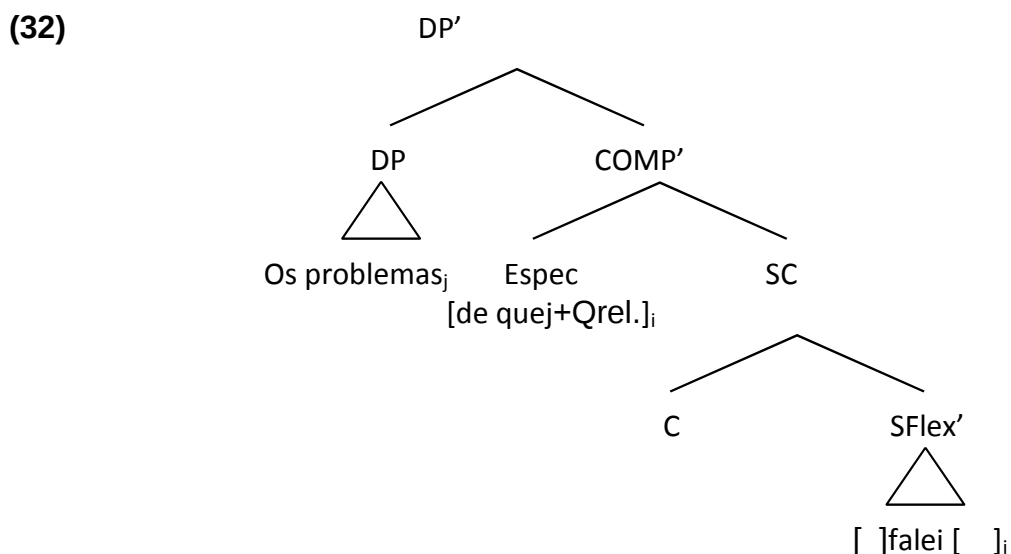
(31) Eu encontrei [Quem_i [_i] queira esta profissão]].

A tradição gramatical costuma classificar as relativas livres como “como orações substantivas, quando elas são argumentos, ou como orações adverbiais, quando elas são adjuntos adverbiais”. (BRAGA, KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.248). No caso de **(31)** a subordinada seria uma substantiva objetiva direta, por ocupar a posição de objeto direto do verbo da principal, contudo, Braga, Kato e Mito, na GPCFB, afirmam que esta sentença é uma relativa livre, e que ela, diferentemente das relativas com núcleo nominal que, necessariamente, acontecem como adjuntos, acontece como argumento.

Em **(31)** ela aconteceu como argumento interno de “encontrar”. Perceba-se, também, que não há um constituinte antecedente relacionado a ela, diferentemente das relativas com núcleo nominal. Isso confirma o que acima afirmaram Braga, Kato e Mito: elas não modificam um núcleo nominal.

3.3.7 Considerações sobre as expressões-Q

Tomando agora os pronomes-Q, como um todo, um ponto fulcral tem que ser levantado, conforme afirmam Braga, Kato e Mito (2009, p.274) “existe um traço atrator na área de pouso do constituinte movido”. No caso dos relativos, a área de pouso é SC, o traço atrator é chamado pelos autores supracitados de [+Q_{rel}]. Diante disso, se há um pronome-Q, ele é obrigatoriamente atraído para o especificador de SC, com isso, subordina a oração ao núcleo nominal da sentença matriz. E é por isso que a representação da parte relevante de **(22)** “*hoje já não tenho os problemas de que falei*” no que se refere a esse traço atrator é a seguinte:



Por esta representação, pode-se perceber a estratégia utilizada pelos pronomes-Q em construções canônicas do Português Brasileiro. Doravante, tomaremos o nosso problema, a fim de perceber as estratégias utilizadas no licenciamento do pronome “*onde*” nas realizações de nosso *corpus*, e com isso examinar se ele se enquadra nas estruturas descritas acima, ou se teremos de conceber um outro tipo de explicação para a ocorrência do “*onde*” em estruturas que até aqui denominamos não canônicas.

3.4 Síntese do Capítulo.

Procuramos neste capítulo explicitar os pressupostos teórico-metodológicos em que se pautará todo nosso trabalho.

Na seção **3.1**, tomamos os pressupostos de Hauser, Chomsky e Fitch (2002), de quem adotamos a noção de linguagem e a proposta de estruturação de Gramática.

A partir do trabalho de Benveniste (1995, 2006), mais precisamente na seção **3.2**, articulamos os pressupostos dos autores supracitados com a teoria da Enunciação, mais precisamente no que se refere às operações constituintes do que Benveniste denomina o Aparelho Formal da Enunciação.

Para ele, conforme já apontamos, toda língua partilha de determinadas operações básicas. Dentre elas destacam-se a própria constituição do Aparelho formal da Enunciação.

Por fim, na seção **3.3** e nas subseções que se seguem, com base, sobretudo, na Gramática do Português Culto Falado no Brasil, (2009), organizada por Kato e Nascimento (2009), procuramos não só delimitar alguns pressupostos básicos desta pesquisa, como os relativos à Predicação, à Complementação, à Adjunção e à constituição das Construções-Q no Português, como ainda procuramos demonstrar como tais pressupostos poderão ser tomados como suportes teórico-metodológicos na análise que acontecerá no próximo capítulo desta dissertação.

4. ESTRUTURAS NÃO CANÔNICAS ENCABEÇADAS POR “ONDE”

*Eu quase nada não sei.
Mas desconfio de muita coisa.
Guimarães Rosa*

A partir de agora, tomaremos o *corpus* desta pesquisa, para uma discussão mais acurada de nosso objeto. Tendo em conta que boa parte de nosso *corpus* “escrito” foi coletado de alunos em fase de aprendizagem, preferimos começar nossa análise pelo *corpus* coletado da modalidade oral. Posteriormente, aplicaremos a mesma análise aos referidos dados da modalidade escrita, verificando a recorrência ou não do fenômeno nas duas modalidades, bem como possíveis diferenças entre elas no que se refere à realização do “*onde*” por suas operações sintáticas.

O que nos leva a depreender enunciados gerados por usuários de vários meios e níveis sócioeconômicos como suficientes em si para nossas considerações sobre o “*onde*” é o fato de termos em conta que “a gramática reflete o comportamento do locutor que, a partir de uma experiência finita e acidental da língua, pode produzir e compreender um número infinito de frases” (BASTOS; CANDIOTTO, 2007, P. 91). Afirmação condizente com os pressupostos de Chomsky (2002, 2006), adotados nesta dissertação.

4.1 Análise dos *Corpora*

Tomando, pois, os *corpora* de nossa análise, vemos que, contrariamente ao que prescreve a Gramática tradicional, segundo a qual, quando o “*onde*” acontece como pronome relativo, ele retoma anaforicamente um termo antecedente e na sentença subordinada exerce a função de adjunto adverbial de lugar, a exemplo de (33), nas construções não canônicas encontramos outra realidade:

(33) Quero uma casa no campo₁ [_{SC} onde₁ [_{Flex} eu possa ficar [₁] do tamanho da paz]]

Como se vê, nas sentenças canônicas, em havendo uma preposição, como já destacado no capítulo anterior, ela é arrastada para a cabeça da sentença junto com o relativo, o que não é o caso de (33). Mais que isso, o que nos parece relevante

aqui é apontar o fato de que, na oração a seguir, retirada dos nossos *corpora*, não há uma categoria vazia ligada ao “*onde*”. Considere-se:

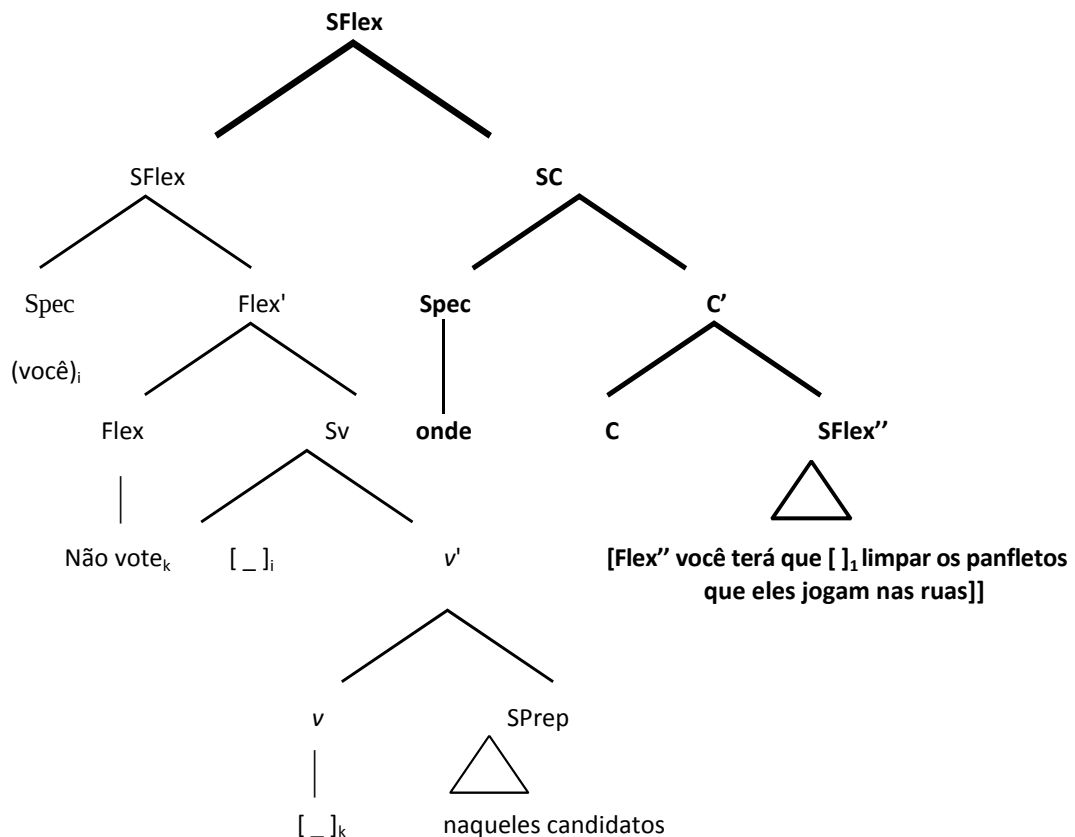
(34) Não vote naqueles candidatos [*sc onde [Flex*” você terá que limpar os panfletos que eles jogam nas ruas]]¹².

Em (34), o *onde* não instancia um argumento da subordinada, sua função é a de encabeçar o adjunto sentencial. Posto assim, a sentença subordinada é um adjunto de uma sentença anteriormente realizada, no caso, a principal. Com isso, estamos compreendendo a subordinada como um constituinte que se adjunge a uma sentença. Além disso, temos o “*onde*” que introduz a sentença subordinada, que, sendo uma sentença adjungida, ou melhor dizendo, um adjunto sentencial predica sobre a sentença matriz, como demonstraremos na sequência. O que nos leva a compreender a sentença encaixada como adjunto é o fato de a sentença matriz (não vote naqueles candidatos) estar saturada quanto à sua predicação. Perceba-se, o verbo “*votar*” seleciona dois argumentos, um externo, “*você*” e outro interno [“*naqueles candidatos onde [Flex*” você terá que limpar os panfletos que eles jogam nas ruas]].” Visto assim, introduzida pelo “*onde*” a sentença não aparece para satisfazer uma exigência do verbo ou de outro predicator, não é, portanto, tematicamente selecionada, o que lhe dá o estatuto de adjunto.

A sentença subordinada, por sua vez, também está saturada quanto à sua predicação. Quando tomamos a estrutura “[*Flex*” você₁ terá que []₁ limpar os panfletos que eles jogam nas ruas],” percebemos que os argumentos saturam os predicados da sentença. Diante do que podemos representar a realização do “*onde*” na árvore que se segue.

¹² (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).

(35)



Como se pode averiguar, o “*onde*” encabeça uma sentença que está adjungida a toda sentença matriz. Diferentemente do que encontramos nas relativas, e conforme discutido na seção 3.3.4, em (35), não há uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” na sentença encaixada.

Considerando-se que o “*onde*” introduz a sentença adjungida, sem ligar nenhuma Categoria Vazia, cai por terra sua função tradicional de Pronome Relativo nessas construções, o “*onde*” funciona como uma espécie de Complementizador que introduz o adjunto sentencial, já que todos os dados do *corpus* trouxeram formas sentenciais para as estruturas encabeçadas por esse “*onde*”. Posto dessa forma, a proposta de análise do fenômeno aqui disposta difere da análise tradicional por abordar o fenômeno por sua configuração sintática tal qual ela acontece no discurso, a despeito de qualquer valoração de cunho normativo, ou mesmo de clareza textual nos moldes da coesão ou da coerência.

Com isso, entendemos que todos os dados do *corpus* serão contemplados, no sentido de terem seus mecanismos computacionais descritos e explicados quanto ao licenciamento de sua realização na língua portuguesa brasileira atual.

Posto assim, não podemos falar em retomada conforme acontece nas construções canônicas que, segundo Ferreira (2003, P.223), sempre são constituídas por pronomes relativos, que são para ele “aqueles que retomam um substantivo (ou um pronome) anterior a eles, substituindo-o no início da oração seguinte”.

Todavia, quando tomamos o “*onde*” como um Complementizador que encabeça a sentença subordinada, o que percebemos é que a sentença encaixada, à maneira de alguns adjuntos, parte da sentença matriz, que pode ter uma outra sentença como constituinte, que exerce sobre ela, a matriz, um tipo de predicação.

Ou seja, quando numa sentença canônica, no ponto de vista tradicional, o “*onde*” introduz uma sentença cujo escopo incide sobre um constituinte nominal específico, constituinte esse retomado pelo relativo, conforme Ferreira (2003), e, portanto, especificamente pelo relativo “*onde*”. Nas sentenças não canônicas até agora consideradas, a predicação realizada pela sentença encaixada sobre a matriz se dá em vários constituintes dessa matriz, podendo ainda se dar sobre a sentença inteira, como é o caso de **(35)**.

Tais relações estabelecidas entre sentença adjungida e termo antecedente são de cunho sintático, contudo, um ponto relevante a ser analisado é a função semântica dos adjuntos. Quando um constituinte se adjunge a outro constituinte, diferentemente do que acontece, por exemplo, com os complementos e com os verbos, em que a projeção de um verbo deixa de ser (V) e passa a ser (V'), com os adjuntos, a projeção é a mesma, apenas se acrescenta mais uma camada. Por isso mesmo, é lícito afirmar que o adjunto exerce junto ao constituinte adjungido uma função semântica, restringindo-o ou especificando-o, “os adjuntos têm (...) um domínio semântico de atuação que se traduz, entre outras coisas, pela relação de escopo que possam tomar” (ROCHA; LOPES IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P. 212). Sobre tal escopo, trataremos mais detidamente na análise do *corpus*. Rocha e Lopes (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P. 212) ainda lembram que os adjuntos podem se realizar por meio de um SC, de um SPrep ou de advérbio. Mas que é preciso “considerar que uma mesma função semântica pode realizar-se pelas três formas”. A este trabalho interessam, mais especificamente, os SCs, uma vez que os adjuntos encabeçados pelo “*onde*” não canônicos se realizaram todos como SC.

No que diz respeito à posição dos adjuntos, tomaremos o seguinte excerto de Rocha e Lopes (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P. 218):

Embora não haja uma correlação absoluta entre forma, função semântica e posição dos adjuntos, algumas funções privilegiam determinadas posições (...) espera-se encontrar, por exemplo, advérbios aspectuais próximos aos verbos, modalizadores no início (linear) das sentenças etc.

Como fica claro, há uma predileção dos adjuntos quanto à sua posição na sentença, Rocha e Lopes ainda afirmam que, quando os adjuntos são realizados por sentenças, há uma tendência a ocuparem a posição inicial ou final do enunciado, procuraremos, na análise de nosso *corpus*, averiguar a pertinência de tal afirmação para as sentenças encabeçadas pelo “*onde*” nas construções não canônicas. Por ora, podemos perceber, em (35), a posição final ocupada pela sentença adjungida.

Na análise da posição de adjuntos sentenciais Rocha e Lopes (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p. 218-220) se detiveram às sentenças condicionais, causais e temporais. Nenhum de seus exemplos trouxe o “*onde*” na cabeça de tais sentenças.

Por fim, considerando o fato de que um adjunto escolhe o tipo de constituinte a que se adjunge, e que pode haver uma relação entre a forma, a função semântica e a posição de tais adjuntos na frase, nas sentenças seguintes procuraremos depreender a natureza de tais constituintes a fim de aventarmos uma generalização nesse sentido. A título de observação, cabe pautar que, em (35), a sentença encabeçada pelo “*onde*” se adjungiu a uma sentença plena. Perceba-se a toda sentença e não apenas a um constituinte específico. Verificaremos, portanto, se isso é um fato recorrente noutros dados dos *corpora*.

Tomaremos, pois, análise de (35) por base. Na sequência, analisaremos outros dados encontrados no *corpus* coletado da modalidade oral. Para o momento é ainda importante ressaltar, mais uma vez, algumas diferenças até aqui encontradas entre as estruturas com “*onde*” de nosso *corpus* e as chamadas construções canônicas.

As construções não canônicas diferem então das canônicas por não possuírem, na sentença encaixada, uma categoria vazia ligada ao “*onde*” e também por não se relacionarem anaforicamente a um constituinte específico da sentença matriz. Também as relativas livres, conforme apontam Braga, Kato e Mito (IN:

KATO; NASCIMENTO, 2009, p. 247) “nunca modificam um núcleo nominal”, mas seu estatuto é distinto das construções objeto desta dissertação. Percebe-se a diferença a partir da seguinte comparação:

- (36) Tem **quem**¹³ diga que não, que a sociologia do direito é estudada por **quem** faz ciência social... sociologia jurídica¹⁴.
- (37) Ele fez os bolinhos **como** manda a receita.
- (38) **Não vote naqueles candidatos [sc onde [Flex” você terá que limpar os panfletos que eles jogam nas ruas]].**

Em (36) a relativa livre é argumento da sentença anterior, em (37) é um adjunto. A tradição gramatical classifica (36) como sentença substantiva e (37) como adverbial. Esta análise aproxima (37) de (38) na constituição sintática, já que na relativa livre também pode haver uma relação de adjunção entre sentença encaixada e sentença matriz sem uma categoria vazia no interior da sentença subordinada ligada ao “*onde*”.

4.1.1 Sentenças da Modalidade Oral, sem Categoria Vazia ligada ao “*onde*”.

Os próximos exemplos, mais especificamente os que compreendem os enunciados de (39), a (44), são sentenças transcritas da modalidade oral da língua, e que, a princípio, nos pareceu partilhar com (35), as características há pouco apontadas, de não trazerem uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” na sentença encaixada, de não retomarem por meio do “*onde*” um constituinte nominal específico, e de se adjungirem à um constituinte sentencial, exercendo sobre a sentença matriz um tipo de predicação. Façamos, pois, uma análise delas a partir de seus mecanismos computacionais para que possamos endossar ou não essa primeira análise.

- (39) ***Eu tive um filho, [onde [foi uma grande bênção em minha vida]]***¹⁵.

¹³ Grifos dos autores

¹⁴ Fonte: (BRAGA, KATO; MIOTO IN:KATO; NASCIMENTO, 2009, P.247)

¹⁵ (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).

À maneira de (35), em (39), diferentemente do que acontece com as construções relativas canônicas com o “*onde*”, não se pode atribuir a um constituinte específico a retomada anafórica. Na realidade mesmo o fato de haver uma retomada por meio do “*onde*” já não se sustenta.

Analizando a sentença encabeçada pelo “*onde*,” temos “*foi uma grande bênção em minha vida*” uma construção, cujo predador, uma minoração, tem seus argumentos realizados.

Ou seja, com isso assumimos que, ao menos para os dados até aqui levantados relativos às construções não canônicas, a noção de retomada anafórica das sentenças encabeçadas pelo “*onde*” não se sustenta. Em tais sentenças, o “*onde*” não é um relativo, mas um operador discursivo que introduz um adjunto sentencial que predica sobre a referência da sentença matriz. Para atribuímos tal natureza ao “*onde*” das construções que analisamos nesta dissertação, tomaremos dados de nossos *corpora* sob fundamentos fornecidos por Braga e Nascimento (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.295-321). No capítulo “A interação entre adjuntos e discursivos” os autores discutem o estatuto desses construtos linguísticos na língua falada e, com isso, dão suporte a esta nossa argumentação.

Partindo de algumas postulações de Cunha e Cintra, nas quais os gramáticos definem as “palavras denotativas” da língua portuguesa, Braga e Nascimento (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.298) começam por apontar que, na abordagem tradicional, o que Cunha e Cintra classificam como “palavras denotativas” está implícito que tais palavras, ou expressões “não devem submeter-se a uma classificação sintática.” Mais que isso, tais constituintes fazem parte de fatores discursivos e como tal “não devem, ou não podem, receber um tratamento sintático. Contudo, entre as construções abarcadas pelos gramáticos citados, e as construções de adjunção, discutidas no Terceiro Volume da Gramática do Português Culto Falado no Brasil, já postos e discutidos no corpo desta dissertação no tópico 3.4.2 há equivalências que mereceram uma nova abordagem. Ou nas palavras de Braga e Nascimento (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.300), “isso convida à busca de uma explicação unificada, de natureza sintática, ou sintático-discursiva para o comportamento de todos eles, adjuntos ou discursivos na organização dos enunciados.

Ou seja, as construções abordadas como palavras denotativas na gramática tradicional recebem estatuto diverso no quadro adotado para construção desta dissertação, ao que agora discutiremos brevemente para um início de delineação da natureza do “*onde*”. A delineação completa, contudo, ficará posta a partir da análise dos dados dos *corpora*.

O ponto do texto de Braga e Nascimento (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.311) que se nos mostrou mais relevante para esta dissertação está na afirmação deles de que “a adjunção se caracteriza como uma operação que conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso”. Noutras palavras, estamos falando da interface sintaxe-discurso.

Com isso, os chamados operadores discursivos são postos como construtos que conectam enunciado e discurso, tal conexão, claro, recebe restrições da língua-I, mas também se valem de critérios de escolha do falante. Algo complexo na distribuição dos constituintes na linearidade do discurso, já que estamos lidando com termos não categoricamente estabelecidos, em contraposição a outros termos da sentença, categoricamente estabelecidos (BRAGA; NASCIMENTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.296). Quanto à definição mais precisa dos operadores discursivos, adotamos a definição de Ribeiro (2009, p.111), para quem “tais operadores atuam como itens funcionais, cuja significação só se efetiva no interior do discurso”.

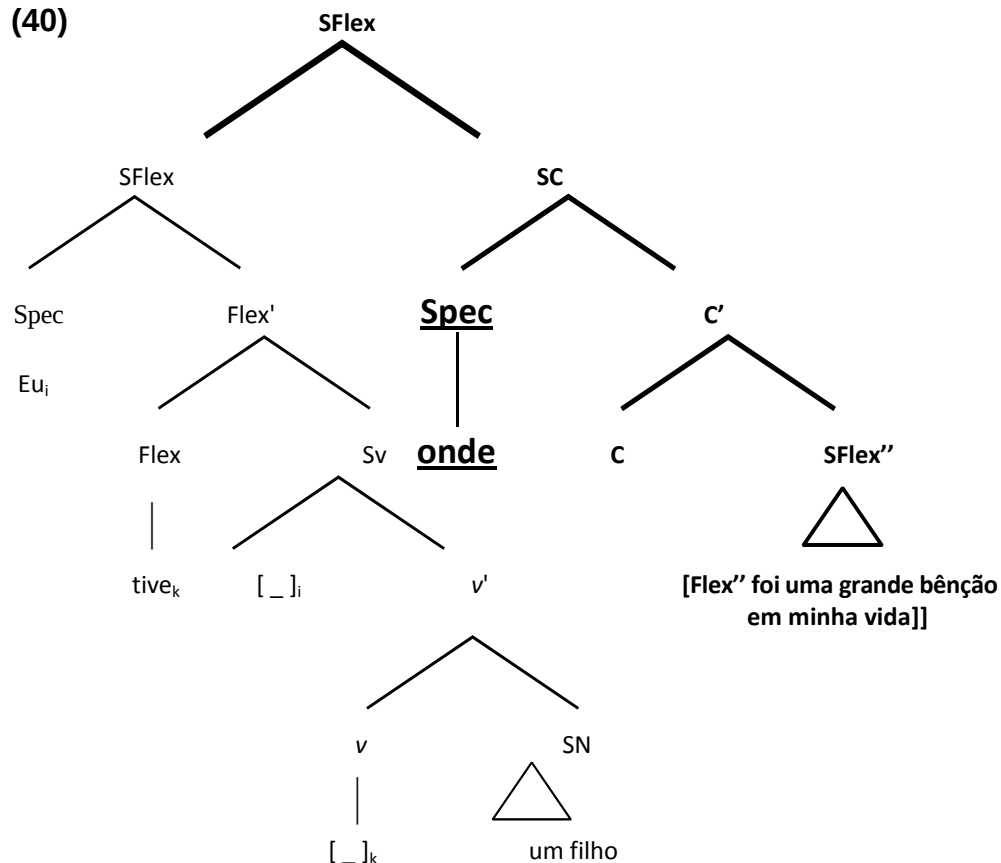
Voltando ao objeto específico deste nosso trabalho, ao conceber o “*onde*” de algumas das construções não canônicas analisadas nesta dissertação como um operador discursivo, estamos, com isso, postulando seu posicionamento frente a uma interface sintático-discursiva, redirecionando as postulações tradicionais que dão ao constituinte.

Por ora, retomaremos os dados dos *corpora* para, mais adiante, confirmar ou não o estatuto do “*onde*” na condição que discutimos neste momento. Ou seja, mais adiante vamos perceber se o “*onde*” opera no nível da sentença ou se no nível do enunciado.

Perceba-se, o constituinte sobre o qual acontece a predicação, no caso de (39), é toda a sentença matriz, que aqui aparece como uma sentença plena, como aconteceu em (35). Por ora, limitaremos-nos a essas considerações. Quando da análise de outros enunciados, procuraremos estabelecer as regularidades (se

houver) dos constituintes sentenciais a que se adjungem as construções introduzidas pelo operador “*onde*”. Com isso, poderemos explicitar a função desse “*onde*”, suas condições de uso, restrições e etc.

Quanto à estrutura sintática em si, o “*onde*” ocupa o lugar de SPEC de C”, o que, a partir do exemplo supracitado, assim podemos representar:



Visto assim, o fenômeno de (40) não difere do que aconteceu na sentença (35), anteriormente analisada, confirmando que a mesma análise aplica-se às duas orações. A concatenação de sentidos entre a sentença matriz e a sentença adjungida se realiza por meio do “*onde*” que aqui possui natureza de operador discursivo. Ou seja, opera na interface da sentença e do enunciado, ou melhor dizendo, entre a sintaxe e o discurso.

Também a posição da sentença adjungida é a mesma, ela aparece à direita da sentença adjungida, portanto, no final da construção. Vistas tais regularidades, partamos, então, para o próximo enunciado.

(41) [_{SC} [_{pro_{expletivo}} *É difícil* [_{Flex}” [_{pro₁} *levar uma campanha*] [_{SC} *onde* [_{Flex}” [_{pro₁} *tem cara*] [_{SC} [_{pro₁} [_{Flex}” [_{pro₁} *tem honestidade*]]]]¹⁶.

Conforme está posto em (41), a estrutura analisada corresponde a “*É difícil levar uma campanha onde se/a gente tem cara, onde se/a gente tem honestidade*”. Ou seja, a cadeia aí encontrada é realizada por *pro₁*, mas pode ser realizada com material morfofonêmico “se/a gente”.

O predador “*difícil*” tem como argumento interno a sentença “*levar uma campanha*”. E é justamente sobre este constituinte sentencial que a sentença introduzida pelo operador “*onde*” irá predicar, e não sobre toda a sentença matriz, como aconteceu nos exemplos precedentes.

Na sentença introduzida pelo “*onde*”, por sua vez, encontramos também uma sentença com predadores saturados do ponto de vista da realização dos argumentos. “*pro₁ tem cara*” e “*pro₁ tem honestidade*” são sentenças com predadores saturados, ambas trazem o argumento externo e interno selecionados pelo verbo “ter”. Tal saturação justifica o fato de admitirmos que tais estruturas, ambas introduzidas pelo “*onde*”, são adjuntos, e que como tal, predicam sobre a sentença matriz.

O fato de haver duas e não só uma estrutura adjungida vem ratificar o fato de serem adjuntos, uma vez que, como já posto no capítulo anterior, adjuntos não expandem a projeção de um núcleo sintático tematicamente selecionado, e por isso são pendurados nas bordas da projeção máxima do sintagma (KATO; MIOTO, IN: KATO; NASCIMENTO, 2009). Posto assim, a adjunção não fica limitada a um número “X” de adjuntos, como acontece, por exemplo, na relação de complementação.

É também relevante considerar o tipo de constituinte a que se adjunge a sentença. Tendo em conta que as duas sentenças (35) e (40), analisadas anteriormente, estavam adjungidas a sentenças plenas, a partir de (41) podemos afirmar que os adjuntos sentenciais introduzidos pelo “*onde*” podem se adjungir a sentenças plenas e a mini-orações. O que ratificaremos ou não a partir dos dados ainda a serem analisados neste trabalho.

¹⁶ (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).

Quanto à posição da sentença adjungida encabeçada pelo “*onde*”, mais uma vez encontramos-a à direita da sentença a qual se adjunge, o que começa a se configurar, portanto, como uma regularidade, a ser confirmada na sequência da análise. O “*onde*,” por sua vez, é o especificador e C”. como tal, é um operador discursivo, que sofrendo restrições da língua-l, mas fazendo parte das escolhas a que o falante procede, na organização linear do discurso, ou seja, na maneira de uso dessa mesma língua-l.

Tomemos, pois, a seguinte construção:

(42) *Ela está propondo [[pro₁]o desenvolvimento de atividades em grupo][_{sc} onde [*Flex*” cada um vai encontrar o seu lugar e [*Flex*” [pro₁] interagir harmoniosamente]]]*¹⁷.

A estrutura de **(42)** parece algo complexa, mas, ao ser analisada, apresenta pontos comuns com as outras estruturas já analisadas neste capítulo.

Começamos pela saturação dos predadores contidos na sentença adjungida encabeçada pelo “*onde*”. O predador “*ir encontrar*” está saturado, tendo “*cada um*” como argumento externo e “*o seu lugar*” como argumento interno. “*interagir*” por sua vez, com o argumento externo “*pro*” e com o argumento interno foneticamente nulo fica igualmente saturado. Depreende-se que estando a subordinada com seus predadores saturadas, o “*onde*” não está ligado a nenhum argumento no interior da sentença que ele introduz, e por isso mesmo esta sentença está adjungida a um constituinte, noutras palavras, é uma sentença não tematicamente selecionada. Cabe então saber a que constituinte ela está adjungida, e qual é a natureza desse constituinte.

Na sentença matriz, encontramos o verbo “*propor*” saturado, trazendo “*ela*” como argumento externo e “*desenvolvimento de atividades em grupo*” como argumento interno. Acontece, porém, que “*desenvolvimento de atividades em grupo*” é uma minioração cujo predador está saturado. O argumento externo de “*desenvolvimento*” é “*pro*” e o interno é “*atividades em grupo*”. E é justamente sobre

¹⁷ (Apresentação oral de TCC, em um curso de Letras – 10/11/2007).

este constituinte sentencial que a sentença introduzida pelo operador “*onde*” irá predicar.

Posto isso, cabe ressaltar o fato de que, consoante às sentenças anteriormente analisadas, também aqui o constituinte a que se adjunziu a sentença introduzida pelo operador “*onde*” é sentencial, realizado por uma minioração. Por fim, o “*onde*” ocupa a posição de SPEC de C’, e sua posição é à direita do constituinte adjungido. Aqui também sua natureza é de operador discursivo, confirmando mais esta regularidade quanto às análises anteriores das construções não canônicas.

(43) Nós vamos cuidar de [_{Flex}’ [_{pro1}] fazer o plano diretor][_{sc} onde que [_{Flex}’’ [_{pro1}] vamos organizar o trânsito da cidade]]¹⁸.

Em (43), encontramos uma estrutura quase idêntica à (42), diferido-se, porém, por trazer um “*que*” junto ao “*onde*”, ao que mais adiante analisaremos. A exemplo do que até agora encontramos, os predicadores da sentença adjungida introduzida pelo “*onde*”, aparecem com suas variáveis (argumentos) realizadas. Ou seja, tendo “*pro*” como argumento externo e “*o trânsito da cidade*” como argumento interno, o predicador “*organizar*” fica saturado. Posto assim, o “*onde*” liga nenhum argumento no interior da sentença que encabeça, por consequência a sentença é um adjunto, e como tal predica sobre um determinado constituinte da sentença matriz.

Na sentença matriz, encontramos o verbo “*cuidar*” com o argumento externo “*nós*” e com o interno “*fazer o plano diretor*”. Como o argumento interno é sentencial, é preciso que se observe a saturação de seus predicadores. O verbo “*fazer*” tem “*pro*” como argumento externo e “*o plano diretor*” como interno. Sobre esta sentença subordinada, argumento interno de “*cuidar*”, se adjunge à sentença encabeçada pelo “*onde*”, que mais uma vez se adjunge a um constituinte sentencial, situando-se à sua direita, fazendo desta uma construção semelhante à anterior.

¹⁸ (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).

Acontece, porém, que uma particularidade de (43) também merece atenção. Conforme apontamos há pouco, junto ao “*onde*”, há um “*que*”, que vem comprovar a afirmação de Kato e Mito (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P.40), segundo quem “a estrutura de SC é complexa, podendo abrigar uma posição nuclear C, onde ficam os complementizadores *que* e *se*, e uma posição sintagmática para onde podem mover-se elementos pronominais e sintagmas”. Ou seja, o “*que*” é um complementizador e, nesta sentença, como nas outras não canônicas já analisadas, o “*onde*” ocupa a posição de Espec. de C, um operador discursivo, que conecta a sentença ao nível do discurso.

(44) O casamento₁ é [[]₁ a relação entre duas pessoas [_{SC} onde [_{Flex} uma pessoa₂ está []₂ sempre certa e a outra₃ é [[]₃ o marido]]¹⁹.

Em (44), temos duas sentenças adjungidas, uma com o verbo “estar” e outra com o verbo “ser”. Esses verbos, considerados verbos de ligação pela tradição gramatical, são estruturas em que “temos um predicativo do sujeito” (BERLINKC; DUARTE; OLIVEIRA, IN KATO; NASCIMENTO, 2009, P. 170). Respectivamente eles selecionam seus complementos, “certa” e “o marido”, que são miniorações, e, portanto, são predadores, cujo argumento comum é “uma pessoa”. Nesses casos, dizemos que há um predador não verbal. “Para receber o estatuto de uma estrutura oracional, o verbo ser (e estar) que explicita marcas de tempo e pessoa, sobe para o núcleo de Flex”. (BERLINKC; DUARTE; OLIVEIRA, IN KATO; NASCIMENTO, 2009, P. 171).

Entre si, as sentenças adjungidas estabelecem uma relação de coordenação, ficando ambas encabeçadas pelo “*onde*”. Este “*onde*” por sua vez, não está ligado a nenhuma Categoria Vazia no interior da sentença que encabeça. Isso nos autoriza dizer que relação estabelecida entre essa sentença e a matriz é de adjunção.

O constituinte a que se adjunge a sentença encabeçada pelo “*onde*” é a minioração [[]₁ “*relação entre duas pessoas*”]. Na sentença matriz, encontramos a referida minioração com seus predadores saturados quanto à realização de seus argumentos, tendo “*o casamento*”, *sujeito da minioração alçado para posição de argumento externo*. O “*onde*”, também aqui ocupa a posição de ESPEC C’, portanto

¹⁹ (Fala informal dita entre amigos).

um operador que introduz o adjunto sentencial que exerce, sobre a minioração contida na sentença matriz, um tipo de predicação. (44) vem, portanto, endossar as análises feitas até aqui, que demonstraram a sentença introduzida pelo operador “*onde*” sempre se adjungindo a um constituinte sentencial, seja ele pleno, seja ele uma minioração, adjungido à direita da sentença matriz.

Feitas as análises compreendidas entre (34) e (44), algumas generalizações já podem ser postas, mas não o faremos neste momento por uma questão de organização didática. Já antevendo os resultados obtidos da análise da próxima seção, 4.1.2, em que tomamos dados da modalidade escrita da língua com estruturas que nos pareceram semelhantes às que foram analisadas nesta seção, perceberemos que não houve diferenças de ordem estrutural que justificassem generalizações distintas. Ou seja, a configuração dos adjuntos sentenciais encabeçados pelo “*onde*” sem uma Categoria Vazia ligada ao ligada a ele no interior da sentença adjungida na modalidade oral e escrita da língua são as mesmas, como demonstraremos a seguir. Haja vista não terem ocorrido tais diferenças, deixamos as generalizações desta seção para serem postas no final da próxima seção.

4.1.2 Sentenças da Modalidade Escrita, sem Categoria Vazia ligada ao “*onde*”

A partir de agora, tomaremos os dados de nosso *corpus* coletados da modalidade escrita da língua. Tendo em conta as diferenças entre a oralidade e a escrita para a construção do discurso, preferimos separar os dados para que pudéssemos averiguar a pertinência de se afirmar que o fenômeno aqui abordado pertence unicamente a uma modalidade da língua ou se às duas, e ainda se há diferenças quanto à configuração das operações sintáticas constituintes da realização do “*onde*” em construções da Língua Portuguesa Brasileira em ambas as modalidades. Procedamos, então, à análise do *corpus*.

- (45) ***O que o VEC precisa mesmo é planejamento e uma parceria de verdade, não uma parceria como a atual [onde [o Atlético manda os***

jogadores para o VEC depois que todos os outros clubes parceiros já selecionaram os melhores jogadores à disposição]]²⁰.

Em (45), encontramos o “*onde*” encabeçando a sentença encaixada, sentença essa que traz uma estrutura subordinada à outra. Perceba-se: “*depois que todos os outros clubes parceiros já selecionaram os melhores jogadores à disposição*” é um adjunto sentencial de “*o Atlético manda os jogadores para o VEC*”. No que tange à saturação, ambos os predicadores – mandar e selecionar – estão saturados, o primeiro traz “*o Atlético*” como argumento externo e “*os jogadores*” como interno. O segundo predicator, por sua vez, traz “*todos os outros clubes parceiros*” como argumento externo e “*os melhores jogadores à disposição*” como argumento interno.

Esta saturação dos predicadores da sentença adjungida nos permite considerar a sentença adjunta a um constituinte da matriz, já que o “*onde*” não se liga a nenhuma Categoria Vazia no interior da sentença que encabeça. Cabe então determinar a que constituinte tal sentença se adjunge e a natureza desse constituinte.

Na sentença matriz, encontramos uma estrutura “pseudoclivada canônica”, que, segundo Braga, Kato e Miotto (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, P. 258), “trata-se de uma construção na qual o sujeito é uma relativa livre”, no caso em questão, a relativa livre, encabeçada pelo pronome-Q – *o que* – é “*o que o VEC precisa mesmo*”, que funciona como sujeito da sentença matriz.

Visto assim, “*uma parceria de verdade e não uma parceria como a atual*” é o complemento do verbo “*ser*”, que, como já visto, são duas miniorações coordenadas. E como tais miniorações estão com seus respectivos predicadores saturados quanto ao preenchimento do argumento externo, mais uma vez podemos atribuir à estrutura encabeçada pelo “*onde*” o estatuto de adjunto, e como tal, está localizado à direita da sentença adjungida.

Visto dessa maneira, nesse primeiro exemplo do *corpus* da modalidade escrita, para além das outras generalizações encontradas na modalidade oral, é

²⁰ (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

relevante ressaltar que também aqui o constituinte a que se adjungiu a sentença encabeçada pelo “*onde*” é de natureza sentencial, uma minioração.

O “*onde*” também aqui ocupa o lugar de SPEC de C”, cuja natureza é de operador discursivo.

A estrutura acima analisada é, do ponto de vista do processamento sintático, idêntica às estruturas encontradas na modalidade oral da língua. Diante disso, já podemos começar a pensar em termos de regularidades recorrentes no que se refere à realização do “*onde*” não canônico nas duas modalidades, mas deixemos para tratar disso no final da análise dos enunciados deste tópico. Passemos, pois, ao próximo exemplo.

(46) *E tem a estreia do super chefinho uma deliciosa novidade [onde [a criança vai botar a mão na massa]]*²¹.

Em (46), encontramos uma sentença adjungida encabeçada pelo “*onde*” que, de acordo com os outros exemplos já analisados, possui um predador saturado quanto à realização de seus argumentos, já que temos o predador “*vai botar a mão na massa*” uma expressão idiomática, com seu argumento externo “*a criança*” realizado. Embora “*a mão na massa*” possa se assemelhar a um argumento interno, Cyrino e Pagotto (IN: KATO; NASCIMENTO, 2009, p. 53-54) consideram as expressões idiomáticas como um único constituinte sintático, posição que também assumimos aqui. Posto isso, temos uma estrutura em que o “*onde*”, na posição de ESPEC de COMP, encabeça uma sentença em cujo interior não se liga a nenhuma Categoria Vazia, do que depreendemos sua condição de adjunto.

Na sentença matriz, por sua vez, temos a minioração adjungida “*uma deliciosa novidade*”, e tendo em conta que já discutimos a estrutura da minioração neste trabalho, aqui nos deteremos a afirmar que o constituinte sentencial encabeçado pelo “*onde*” a essa minioração se adjunge à minioração antecedente, exercendo, sobre ela, um tipo de predicação. Cabe ainda ressaltar que, como nos outros exemplos até agora analisados, a sentença adjungida fica à direita da

²¹ (Exemplo retirado da fala de um locutor da Rede Globo de Televisão ao anunciar um programa televisivo, no dia 07/01/09). Obs: Aqui consideramos texto escrito por pressupor que no caso específico a escrita tenha precedido à fala do locutor.

sentença matriz. O “*onde*” é um operador discursivo que ocupa na sentença o lugar de SPEC de C”.

(47) *A mãe de Rafaela₁ era [[cv]₁ muito autoritária, [onde [[pro₁] não deixava [a menina sair para brincar]]]]²².*

Em (47), depois do que até agora afirmamos acerca das sentenças não canônicas encabeçadas pelo “*onde*”, as relações sintáticas são bastante claras. Mais uma vez temos uma sentença adjungida encabeçada pelo operador “*onde*” em que os predicadores estão saturados pela realização de seus argumentos. Trazendo “*pro₁*” (a mãe de Rafaela) como argumento externo e “*a menina sair para brincar*” como argumento interno. Dessa saturação depreende-se já a relação de adjunção estabelecida entre esta sentença e o constituinte da sentença matriz, sobre o qual, a sentença irá predicar.

[*cv muito autoritária*], por sua vez, é uma minioração, e como tal traz seus predicadores saturados com o preenchimento do argumento externo. Cabe ainda ser posto que é sobre toda a sentença antecedente que se adjunge a sentença encabeçada pelo “*onde*”, ou seja, mais uma vez a adjunção se dá sobre um constituinte sentencial.

Visto assim, a natureza sentencial do constituinte a que se adjunge a sentença encabeçada pelo “*onde*” confirma a preferência de tais adjuntos, marcando, pois, uma regularidade importante para a configuração desta análise. O mesmo se pode afirmar quanto à posição de tal adjunto sentencial, que fica à direita da sentença matriz. O “*onde*” é o operador discursivo que ocupa o lugar de SPEC de C”.

(48) *Como sempre gosto de afirmar, nasci em Padre Fialho (Garimpo) - Matipó (MG), há quase 52 anos, mais precisamente em 29 de agosto de 1957. É mais de meio século de história, idas e vindas, enfrentando novos desafios, escrevendo no presente a história que vai passando e [pro1] ganhando novos capítulos e [pro1] abrindo espaços pela frente para outros, [onde] sempre me deparo com as*

²² (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

encruzilhadas]], com várias opções para seguir em frente, muitas vezes, tendo que escolher um único caminho, que nem sempre é em linha reta, que nem sempre é a continuação do caminho que estou pisando²³.

Na sentença adjungida de (48), temos o predicator “deparo” com o argumento externo “eu”, e com o sintagma preposicionado “com as encruzilhadas” selecionado como argumento interno. Ou seja, a estrutura temática do verbo está preenchida, tendo o “onde”, como operador que introduz a subordinada sem estabelecer no seu interior, nenhuma ligação com alguma Categoria Vazia, confirmando a relação de adjunção entre esta sentença e um constituinte da sentença matriz.

Na sentença matriz, por sua vez, temos uma sequência de três predicadores ([que vai] passando, [que vai] ganhando e [que vai] abrindo), cujos argumentos externos são, para cada um “a história”. Quanto à realização do argumento interno, interessa-nos especialmente o predicator “abrindo”, que traz “espaços para frente para outros” como argumento interno. Esta sentença “a história que vai abrindo espaços para frente para outros” é o constituinte sobre o qual a sentença subordina se adjunge e sobre o qual predica. Ou seja, mais uma vez temos uma adjunção que se dá sobre um constituinte oracional. O “onde” é um operador discursivo. Também mais uma vez, a sentença adjungida fica à direita da matriz, sobre a qual predica.

(49) O juiz elaborou um ditado [onde que [quem não acertasse pelo menos dez palavras não podia ser candidato nem a vereador]]²⁴.

Em (49), encontramos o “onde” como operador ocupa o lugar de Espec. de C, na sua sequência há um complementizador “que”. Estrutura parecida com o exemplo (43) analisado na seção anterior. No mais, a relativa livre “quem não acertasse pelo menos dez palavras” é o argumento externo de “podia ser” e “candidato nem a vereador” é o argumento interno. Ou seja, uma estrutura cujos predicadores estão

²³ (Retirado da Internet, do link <http://blogdobaiao.zip.net/>, no dia 27/10/2009).

²⁴ (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).

saturados pela realização de seus argumentos, o que faz com que não haja uma categoria vazia ligada ao “*onde*” que encabeça a sentença.

Na matriz, temos, “*o juiz elaborou um ditado*” como sentença a que se adjunge o constituinte introduzido pelo “*onde que*”, estrutura também saturada em sua predicação, e sobre a qual a outra sentença exerce um tipo de predicação, ficando situada à sua direita.

(50) De acordo com a comissão organizadora do Festival todos os poemas selecionados serão submetidos a três jurados, [onde [[pro] serão escolhidos os três melhores poemas e serão premiados por mérito literário à grande final no dia 28 de Junho de 2008]]²⁵.

Em (50), a sentença adjungida traz a estrutura até agora encontrada nos outros exemplos. Ou seja, temos o predicador “*submeter*” saturado com a realização de seus respectivos argumentos. Constituindo, pois, um adjunto sentencial. Vejamos agora a natureza do constituinte ao qual irá se adjungir esta sentença.

O constituinte adjungido **[onde [[pro] serão escolhidos os três melhores poemas e serão premiados por mérito literário à grande final no dia 28 de Junho de 2008]]** está adjungido a toda sentença antecedente, confirmando as afirmações feitas a respeito das sentenças precedentes está também à sua direita.

Tendo em conta que uma análise não se justifica pelo acúmulo de exemplos, mas pela pertinência de se trazer tais exemplos para a elucidação do problema abarcado, na sequência, mais precisamente nos exemplos de (51) a (58), não faremos a análise caso a caso, já que as estruturas de tais enunciados são relativamente estáveis e a elas podem-se aplicar as mesmas análises dos enunciados anteriores.

²⁵ (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

- (51) *Eu era um menino meio desinteressado, [onde [dava muito trabalho para meus pais]]*²⁶.
- (52) *Gentileza solicitar a todos uma corrida de oração na intenção de uma criança de 6 anos com nome Marcelo Vicenze Filarde, que deverá fazer no dia 10 de setembro uma arriscada cirurgia no cérebro, [onde [o médico quer pagamento a vista de 10.000,00 e o plano de saúde não cobre]]*²⁷.
- (53) *Informações que para nós jovens, às vezes, podem ser tomadas como exemplos, [onde [um adolescente na televisão se dá bem, pode tomar as atitudes e comportamentos do outro como um exemplo e passá-lo a praticar]]*²⁸.
- (54) *Aqui (no mercado central de Belo Horizonte) se pode encontrar artigos típicos que se misturam a manifestações contemporâneas, o artesanal se mistura ao industrial, o regional ao global. Ainda há o convívio de realidades sociais diversas, [onde [o público se revela extremamente heterogêneo]]*²⁹.
- (55) *Neste ano, aconteceu um passeio para Mossoró, para conhecer o espetáculo Chuva de Bala, na época dos festejos juninos, [onde [logo após fomos para a festa]]*³⁰.
- (56) *No Vovó Eliza (colégio) estive em muitas comemorações e aniversário com meus coleguinhas, [onde [até hoje nos cruzamos por Macau]]*³¹.

²⁶ (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).

²⁷ (Retirado da Internet, do link <http://blogdobaiao.zip.net/>, no dia 27/10/2009).

²⁸ (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).

²⁹ (Retirado da Internet, do link <http://bhesperaporvoce.blogspot.com/search?Updated-max=2008-10-03T13%3A43%3A007%3A00&maxresults=10> no dia 27/10/2009).

³⁰ (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).

³¹ (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).

(57) *Outras mudanças que podemos citar é com relação à moda, [onde [o que era auge da moda no passado, hoje não passa de lembranças]]*³².

Como se vê, salvas as diferenças localizadas, como tipo de predador e consequentemente de estrutura temática, para todas as estruturas podemos fazer as seguintes generalizações:

- a) Não há uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” na sentença introduzida por ele;
- b) Os predicadores da sentença adjungida, encabeçada pelo “*onde*”, estão saturados quanto à realização de seus argumentos;
- c) As sentenças encabeçadas pelo “*onde*” são todas adjuntas a um constituinte da sentença matriz;
- d) O constituinte a que se adjunge a sentença introduzida pelo “*onde*” é de natureza sentencial, podendo ser realizado como uma sentença plena ou como uma minioração;
- e) Pode haver mais de uma sentença adjungida ao constituinte sentencial da matriz, uma vez que, sendo adjunto, a sentença encaixada não muda a natureza categorial do constituinte a que adjunge, ficando pendurado à borda de sua projeção máxima;
- f) O pronome “*onde*” funciona como uma espécie de operador discursivo, operando na interface sintático-discursiva e por fim, ocupa a posição de SPEC de C”;
- g) A sentença adjungida fica à direita da matriz.

Ou seja, as generalizações são idênticas às encontradas na seção anterior, conforme posto no final daquela seção, em que analisamos enunciados da modalidade oral. Isso confirma a hipótese de que a realização do “*onde*” em tais enunciados não são uma particularidade de uma ou de outra modalidade, mas um fenômeno pertinente à língua como um todo.

³² (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

Cabe ainda ser posto que, como se poderá verificar no Anexo I desta dissertação, encontramos vários outros exemplos como esses que há pouco analisamos, o que nos fez não os trazer aqui foi o fato de que a repetição de estruturas idênticas não acresce fatos relevantes a este trabalho, mas que fique registrada a grande incidência do fenômeno, ainda que fatores quantitativos não sejam preponderantes para esta pesquisa.

4.1.3 Sentenças da Modalidade Oral, com Categoria Vazia ligada ao “onde”

Nesta seção, abordaremos construções que, por trazerem uma Categoria Vazia no interior das sentenças subordinadas ligada ao “onde” que encabeça tais construções, sintaticamente se aproximam mais das construções canônicas, mas que trazem pontos comuns aos analisados nas suas seções precedentes a esta, como ainda trazem questões de ordem semântica que merecerão algum detalhamento.

À parte isso, que afinal será considerado no decorrer da análise, tomaremos agora dados do *corpus* da modalidade falada da língua, para na próxima seção abarcarmos os fatos da língua escrita. Façamos, então, a análise de (59).

(58) *Eu tava justamente lembrando aqueles dias [_{sc} onde₁ [_{flex} *você ficou no hospital* [₁]]*³³.

Em (58), a sentença adjungida apresenta seus predicadores saturados pela realização dos argumentos da estrutura temática do verbo “*ficar*”, em que “*você*” é o argumento externo e “*no hospital*” o sintagma preposicionado que funciona como argumento interno do verbo. Há, contudo, uma categoria vazia ligada ao “onde”. Essa Categoria vazia não ocorreu nos exemplos das seções anteriores. Isso não tira, porém, o caráter de adjunto da sentença encabeçada pelo “onde”, pois os predicadores, como dito há pouco, estão saturados, e a Categoria Vazia é um

³³ (Fala dita em situação informal, entre amigos).

adjunto da sentença, de natureza adverbial, notadamente com o valor semântico de “tempo crônico”, o que será comentado mais adiante, ainda nesta seção.

Considerando a existência de tal Categoria Vazia, podemos afirmar que houve um movimento do “*onde*” para a cabeça da sentença, lugar onde ele ocupa a função de pronome relativo com valor adverbial, não mais de um operador, haja vista o fato de o movimento para a cabeça da sentença ser uma prerrogativa de elementos outros que não operadores. Esse “*onde*” está introduzindo o adjunto sentencial do constituinte da sentença anterior. Cabe-nos agora determinar a natureza de tal constituinte.

Diferentemente dos exemplos das duas seções precedentes, o constituinte a que se adjunge a sentença encabeçada pelo “*onde*” não é de natureza sentencial, mas nominal. É sobre o sintagma preposicionado “*daqueles dias*” que a sentença irá predicar, sendo, portanto, uma sentença relativa com núcleo nominal. O constituinte a que se adjunge a sentença funciona como argumento do verbo “*lembrar*”.

Outro fator é relevante por diferir estas construções das chamadas construções canônicas, “*aqueles dias*” denota “tempo crônico” como há pouco afirmamos, e isso localiza a cena enunciativa no “tempo”, o que nos remete às operações pertinentes à dêixis. Por isso mesmo, na sequência da análise de (58), abriremos uma discussão sobre o processamento dêítico e suas implicações no discurso e nas sentenças de nossos *corpora*, a partir de pressupostos de Benveniste (2006).

Em (59) o valor semântico do constituinte a que se adjungiu a sentença subordinada é de tempo, e isso precisa ser analisado, uma vez que, conforme visto nos capítulos precedentes a este, nas construções canônicas, o “*onde*” ocorre na retomada de constituintes que denotam lugar, e não tempo.

Como visto, e como ficará claro nos próximos exemplos, todos os constituintes a que se adjunge a sentença encabeçada pelo “*onde*”, que aparecem grifados em suas representações, diferentemente do que prescreve a tradição gramatical, não denota lugar, mas tempo. Diante disso, aqui tomaremos a dêixis como foco de nossa discussão com o intuito de compreender como se processa a realização desse “*onde*”.

A dêixis localiza, entre outros elementos, o falante, o enunciador, no tempo e no espaço. Para Benveniste, a enunciação pressupõe, como já visto, um “eu” que

fala para um “tu”, seu interlocutor. Esse sujeito enunciador “eu”, que se instaura no discurso e que ao mesmo tempo torna possível o discurso, inscreve-se no tempo da enunciação, o “agora” discursivo, o tempo presente de onde se derivam os outros tempos. O lugar de que esse “eu” fala é o “aqui” discursivo. E por isso mesmo “as coisas designadas e organizadas pelo discurso (o locutor, sua posição, seu tempo e outros elementos constitutivos da enunciação) não podem ser identificadas senão pelos parceiros da comunicação linguística” (BENVENISTE, 2006, P. 78). Com isso, podemos depreender o fato de o tempo linguístico instaurar os elementos constitutivos do discurso na enunciação, no momento da realização do discurso, tempo único e que não se repete, ao qual se subordina os outros tempos explicitados, por exemplo, nos elementos dêiticos, como pronomes, advérbios e flexões verbais, aqui considerados como operações dêíticas, pela dinamicidade das mesmas, e por não se deter a elementos estanques. Noutras palavras, e a partir de pressupostos de Benveniste (2006, p. 84), “a referência é parte integrante da enunciação”, o que suscita a mobilização de instâncias de enunciação.

Com isso, assumimos que, para os dados de nossos *corpora*, as operações dêíticas parecem instaurar um tempo e um lugar discursivo sobrepostos num mesmo eixo, como parte constitutiva das chamadas operações dêíticas. Não há nisso, porém, algo que se possa classificar como novidade. Para Benveniste, ao localizar o enunciador na cena enunciativa nos valem de um sistema de coordenadas espaciais que “se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo como centro e ponto de referência”. (BENVENISTE, 2006, p. 70). Aqui assumimos que a localização se dá no tempo, e não necessariamente no espaço, o que lhe confere a função de adjunto adverbial de tempo, isso no caso das construções não canônicas encabeçadas pelo “*onde*” analisadas nesta seção.

Acima comentamos o fato de que as expressões que remetem à noção de lugar, muitas das vezes, vêm precedidas pela preposição “em”. Notadamente, também as expressões de tempo podem gozar desse traço – na manhã de quinta, no dia seguinte, na semana santa – ou seja, encontrou-se a preposição “em” em todas as incidências de (59) a (64), quando do preenchimento das respectivas Categorias Vazias ligadas ao “*onde*”. Diante disso teríamos: “*na hora, no tempo da guerra*”, “*no futuro*”, “*nesses momentos da vida da gente*”, “*no tempo que e era criança*”. Com isso não estamos afirmando que toda construção selecionada por

“em” denote tempo, nem que não existam outras expressões que denotam tempo selecionadas por outras preposições, como é o caso de “*por uma hora, durante um mês, por uma semana*”. O que estamos apontando aqui é incidência recorrente em todos os dados do *corpus* de tal preposição nas construções com o “onde”.

Disso podemos depreender que, mesmo foneticamente nula, o vestígio da preposição “em” nas construções de que tratamos nesta seção não aponta necessariamente Lugar ou Tempo, mas a localização, na cena enunciativa, dos interlocutores do discurso. Tendo ainda em conta que tanto tempo quanto espaço resultam do processamento dêitico, a localização do sujeito discursivo no tempo já é uma propriedade da língua. Isso faz as estruturas estudadas nesta seção bem diversas daquelas estudadas na seção anterior. A questão do Tempo e da localização do sujeito enunciativo é intrínseca ao discurso e interfere diretamente nas ocorrências estudadas aqui.

Segundo Benveniste (2006, p. 85), “poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na e pela enunciação”. A fim de confirmar os fatos apontados em (59), segundo os quais há enunciados encabeçados pelo “onde” que não denotam lugar, mas tempo.

Por fim, quanto à posição de tal construção, ela fica imediatamente à direita do constituinte nominal ou do sintagma preposicionado, com que se relaciona na sentença matriz, ao que mais adiante confirmaremos ou não como regularidade.

Procederemos, a seguir, a uma análise detalhada de outros enunciados do nosso *corpus*.

(59) A gente tá vendo a cena mais importante justamente na hora [_{sc} onde₁ [_{Flex} eles acabam a novela [₁]]]³⁴.

Em (59), na sentença subordinada, encabeçada pelo “onde”, encontramos um predicador “*acabam*” saturado em sua estrutura temática, tendo “*eles*” como argumento externo e “*a novela*” como argumento interno. Também há uma Categoria Vazia, que, como tal, é resultante do movimento do pronome para a cabeça da sentença. Além disso, a sentença traz o “onde” adjungido, mais uma vez, a um SPrep da sentença matriz, o antecedente, no caso: “*na hora*”. Ou seja, o

³⁴ (Fala dita entre amigos, em conversa informal, em 12/12/2009)

“*onde*” está ligado ao SN encabeçado por “hora” no interior de SPrep. Como em (58), denota Tempo, e o constituinte é precedido pela preposição “*em*”. Como no exemplo precedente, também aqui o SPrep. tem natureza adverbial, e a adjunção se dá ao sintagma nominal da sentença antecedente. Com isso, a sentença encabeçada pelo “*onde*” fica imediatamente à direita do SPrep a que se adjunge.

(60) O autor está falando do tempo da guerra [_{SC} onde₁ [_{Flex} *todo mundo fica um pouco vilão* [₁]]]³⁵.

“*Todo mundo fica um pouco vilão*” “*no tempo de guerra*” é o que diz a sentença encabeçada pelo “*onde*”. Sentença que traz o predador o verbo “*ficar*”. Nessa construção, temos então o que a tradição gramatical vai chamar de Verbo de Ligação, e que, para o quadro em que se inscreve esta dissertação, traz uma minioração, cujo predador é “*vilão*”, um SAdj, núcleo da minioração complemento do verbo “*ficar* [*todo mundo fica um pouco vilão*]”, que se encontra saturado com a realização da minioração. Visto assim, a Categoria Vazia que aparece na sentença não é tematicamente selecionada, estando, portanto, adjungida. O “*onde*” que encabeça a sentença funciona deixa uma categoria vazia em seu lugar de origem e se move para a cabeça da sentença, a sentença por ele encabeçada, por sua vez, se adjunge ao constituinte “tempo de guerra”, contido na sentença matriz. Noutras palavras, mais uma vez temos uma sentença com núcleo nominal, que se diferencia das construções canônicas com o mesmo pronome “*onde*” pela realização semântica distinta de tais cânones, por denotarem de tempo e não lugar. Ou conforme advogamos nos exemplos anteriores, por operarem deiticamente com tempo e lugar sobrepostos num mesmo eixo.

Quanto à posição, temos, mais uma vez, uma construção imediatamente à direita do termo a que se adjunge.

Visto desta forma, já aqui nos parece que há generalizações a se fazerem sobre esses enunciados, antes, porém, cabe um olhar sobre as sentenças compreendidas entre (61) e (64).

³⁵ (Fala dita em debate em sala de aula sobre um determinado texto literário).

- (61) *E quando ela chegar no futuro [_{SC} onde₁ [_{Flex} tudo realmente realizou [₁]]] ela vai dar valor, cê vai ver³⁶.*
- (62) *Esses momentos na vida da gente, [_{SC} onde₁ [_{Flex} o coração dispara [₁]]] são tão importantes³⁷.*
- (63) *Sempre me lembro do tempo que eu era criança, [_{SC} onde₁ [_{Flex} minha mãe ainda colocava aqueles laços de fita no cabelo da gente [₁]]]³⁸.*
- (64) *É o melhor momento, [_{SC} aonde₁ [_{Flex} eu trago o melhor de mim [₁]]], e a Willians também voltou a pensar grande³⁹.*

Como se pode perceber, os termos a que se adjungem as sentenças encabeçadas pelo “*onde*”, que aparecem grifados nos enunciados acima, são todos argumentos das sentenças matrizes, partilham ainda o fato de todos denotarem tempo e não lugar. As sentenças adjungidas trazem uma Categoria Vazia, estão todas com seus predicadores saturados, o que faz da sentença um adjunto da matriz. Tais afirmações suscitam as seguintes generalizações a respeito de tais enunciados:

- a) As sentenças encabeçadas pelo “*onde*” desta seção possuem uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*”, o que pressupõe um movimento desse “*onde*” para a cabeça da sentença;
- b) Na cabeça da sentença, o “*onde*” introduz a sentença;
- c) Há uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” no interior da sentença por ele encabeçada;
- d) A Categoria Vazia pode ser preenchida por um constituinte de natureza adverbial com valor semântico de Tempo, sendo, portanto, uma adverbial e não uma relativa;
- e) O constituinte a que se adjunge a sentença subordinada é um argumento da sentença matriz.
- f) A sentença adjungida fica sempre imediatamente à direita do constituinte nominal ou ao SPrep ao qual se adjunge.

³⁶ (Fala um aluno em debate sobre um determinado texto mediado pelo professor).

³⁷ (Frase dita por uma personagem da novela “A Preferida” da rede Globo de Televisão no dia 23/10/08).

³⁸ (Fala de um aluno em debate sobre um determinado texto mediado pelo professor).

³⁹ (Frase de Rubens Barrichello em entrevista ao Jornal Nacional no dia 2 de novembro de 2009).

Como se viu, as construções desta última seção também divergem das construções canônicas, sobretudo, por veicularem a noção de Tempo, em detrimento da noção de Lugar, postulada pela tradição gramatical. Diferentemente do que havíamos encontrado nas seções anteriores, aqui há uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” no interior da sentença encaixada, o que iguala tais construções, do ponto de vista puramente sintático, às construções canônicas.

Essa sentença encaixada predica sobre um constituinte da sentença matriz, adjungindo-se a ele. Tal constituinte é um argumento da matriz, de natureza nominal, e com valor semântico de Tempo.

4.1.4 Sentenças da Modalidade Escrita, com Categoria Vazia ligada ao “*onde*”

Tendo analisado as construções não canônicas da modalidade oral sem Categoria Vazia ligada ao “*onde*”, doravante faremos uma análise das construções da modalidade escrita que nos pareceu semelhantes a elas.

(65) *Lembro em especial do último dia de aula, [onde] [meu colega Cássio editou um filme [₁]]]* que retratava a retrospectiva dos vários trabalhos em slides⁴⁰.

O constituinte grifado, “*do último dia de aula*”, é, em (65), o constituinte a que se adjunge a sentença encabeçada pelo “*onde*”. Como se pode perceber, trata-se de um sintagma preposicionado, argumento do verbo “*lembrar*”. A sentença subordinada, por sua vez, traz dois verbos, “*editar*” e “*retratar*”, ambos saturados por terem seus respectivos argumentos realizados na sentença. Posto assim, a sentença encabeçada pelo pronome relativo é um adjunto de natureza adverbial que possui função semântica de tempo.

⁴⁰ (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).

Já por essa análise, podemos depreender a equivalência dessa sentença no que concerne às analisadas na seção anterior, elas possuem estruturas semelhantes. O “*onde*”, aqui também como um adjunto de natureza adverbial que introduz a sentença adjungida, que, por sua vez, é uma sentença adjunta a um constituinte da sentença matriz e está situada imediatamente à direita do constituinte nominal a que se adjunge. Do que depreendemos que tais sentenças ocorrem a partir de mecanismos idênticos, quer na modalidade oral, quer na escrita.

Tendo em conta a semelhança entre esse enunciado e os enunciados da modalidade oral, limitaremos-nos a afirmar que, para os próximos exemplos, as considerações sobre a estrutura dos enunciados se repetem, observem-se os enunciados de (66) a (79):

- (66) *“Estamos empenhados em fazer uma cidade ativa o ano todo e estamos agindo justamente neste intervalo, que é período de férias, [onde₁ [temos turistas de outros destinos [₁]]] que agora descobrirão o que BH tem para oferecer e, quem sabe, sermos o seu destino de muitas outras viagens” afirma o presidente do Mercado Central*⁴¹.
- (67) *Essa diferença ocorreu com o passar do tempo, [onde₁ [os valores, a forma de pensar e agir mudaram[₁]]]*⁴².
- (68) *Um exemplo desta realidade ocorreu no dia treze de setembro de 2008 [onde₁ [foram apreendidos pelo IBAMA quarenta e três pássaros[₁]]]*⁴³.
- (69) *Agora está pronta para enfrentar todos os desafios que ainda restam para que nós, estudantes, alcancemos o tão sonhado futuro [onde₁ [uma educação de qualidade seja realidade [₁]]]e, deste*

⁴¹ (Retirado da Internet, do link <http://bhesperaporvoce.blogspot.com/search?Updated-max=2008-10-03T13%3A43%3A007%3A00&maxresults=10> no dia 27/10/2009).

⁴² (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

⁴³ (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

modo, tenhamos todos as mesmas oportunidades para crescer na vida⁴⁴.

Tendo em conta que as estruturas da modalidade oral e escrita se mostraram semelhantes, não repetiremos aqui as generalizações feitas na seção anterior, basta confirmarmos que aquelas generalizações são pertinentes também ao conjunto de enunciados desta seção. E isso implica outra afirmação: as ocorrências do “*onde*” não canônico, quer numa configuração sem uma Categoria Vazia ligada a ele no interior da sentença que encabeça, quer numa configuração com tal Categoria Vazia, são as mesmas para as modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa Brasileira. Além disso, nessas duas últimas seções estamos tratando de sentenças relativas com núcleo nominal, tal qual postula a tradição gramatical, ao menos do ponto de vista sintático, com a diferença que aqui temos uma função semântica distinta da referida tradição. Tal postulação pode ser verificada nos últimos exemplos, em que “período, tempo, dia e futuro” são elementos de mesma natureza, com funções semânticas semelhantes nos contextos em que ocorrem.

⁴⁴ (Retirado da internet do link <http://umesbh.zip.net/>, no dia 27/10/2009).

5. CONCLUSÕES

Nesta dissertação investigamos as ocorrências do “*onde*” em construções não canônicas do Português Brasileiro, nas modalidades oral e escrita. Nossa finalidade foi a de averiguar a ocorrência, descrever e explicar os mecanismos e princípios responsáveis pelo licenciamento de tais estruturas.

Para tal tarefa, assim nos organizamos:

- a- No primeiro capítulo, introduzimos o tema desta dissertação, delimitamos o problema, tratamos da delimitação e coleta do *corpus*, bem como da metodologia a ser adotada;
- b- No segundo capítulo, consideramos os estudos já existentes quanto à realização do “*onde*”, tanto em estruturas canônicas, quanto não canônicas. Ou seja, estabelecemos o Estado da Arte. Partimos de postulados Gramaticais Normativos, postulados que, conforme demonstrado, engessaram a realização do “*onde*”, determinando que, em sendo um relativo, ele só poderia retomar anaforicamente a noção de lugar, e qualquer construção diversa dessa não estaria licenciada para realização. Para além das considerações normativas, pudemos verificar em trabalhos de alguns linguistas a ocorrência de construções não canônicas. Dentre tais trabalhos, destacaram-se os trabalhos de Marinho (1999) e de Bittencourt (2001). A primeira pesquisadora abordou a realização do “*onde*” na perspectiva da Gramática Funcional, e tratou de implicações do uso não canônico na perda da coesão e da coerência de textos. A segunda pesquisadora analisou as Canções de Santa Maria, texto do século XII, e por isso considerou o uso não canônico numa perspectiva histórica, diacrônica. Por esses e outros trabalhos que trataram do “*onde*”, e, sobretudo, pela existência do fenômeno no PB, se justifica-se a construção deste, uma vez que o fenômeno ainda não foi tratado sob a perspectiva dos mecanismos e princípios que licenciam tal realização.
- c- No capítulo III, quando da constituição do Quadro Teórico-Metodológico, estabelecemos nosso Modelo de Processamento Discursivo, a partir do qual, pudemos proceder à análise de nosso objeto de pesquisa. A noção

de linguagem adotada foi a natural, postulada por Chomsky (2002, 2004), calcados, sobretudo, na Teoria dos Princípios e Parâmetros. Baseados em Hauser, Chomsky e Fitch (2004, 2005), consideramos a faculdade da linguagem em sentido estrito como um sistema de interfaces, em que a interface fonológica – subcomponente articulatório perceptual – possui interpretação no subcomponente cognitivo intencional. Esta faculdade é parte do que os autores chamam de Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo, que inclui a Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito, mas inclui também outros componentes necessários, mas não suficientes, para a linguagem. Por meio de operações diversas, incluindo-se a recursividade, os enunciados são gerados e interpretados nas Línguas, que sendo naturais, são parte do aparato mental dos falantes, e nessa perspectiva, estudar o órgão da linguagem é equivalente a estudar qualquer outro órgão qualquer do corpo humano, o que inscreveu este trabalho no âmbito da biolinguística. Nessa concepção do Modelo de Processamento Discursivo, adotamos ainda postulados de Benveniste (1995, 2006) quanto à constituição do Aparelho Formal da Enunciação, como ainda do processamento dêitico, uma vez que tomaremos a definição de Operadores Discursivos. Por fim, tomamos a Gramática do Português Culto Falado no Brasil organizada por Kato e Nascimento (2009) como base de análise.

- d- No capítulo IV, realizamos a análise propriamente dita de nossos *corpora*. Dividimos as ocorrências do “*onde*” por similitude. Ou seja, agrupamos aqueles enunciados que se nos apresentaram como semelhantes do ponto de vista estrutural. Ao que encontramos, estruturas bastante diversas das canônicas, a respeito das quais exporemos agora nossas conclusões.

Tendo em conta que a distinção entre os dados coletados na modalidade escrita e oral da língua não se mostraram relevantes após a realização do trabalho, embora suas respectivas análises estejam dispostas em seções distintas no corpo da dissertação, aqui nestas conclusões tomaremos os *corpora* da dissertação em dois grandes grupos a saber:

a – Aqueles enunciados cujo “*onde*” **não** se liga a uma Categoria Vazia no interior da sentença adjungida;

b – Aqueles enunciados cujo “*onde*” se liga a tal Categoria Vazia.

Nas seções **4.1.1** e **4.1.2**, respectivamente referentes à oralidade e à escrita, encontramos sentenças sem uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*”, feitas as devidas análises em torno de sua realização sintático-discursiva, chegou-se às seguintes generalizações, já elencadas na seção **4.1.1**:

- a) Não há uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” na sentença introduzida por ele;
- b) Os predicadores da sentença adjungida, encabeçada pelo “*onde*”, estão saturados quanto à realização de seus argumentos;
- c) As sentenças encabeçadas pelo “*onde*” são todas adjuntas a um constituinte da sentença matriz;
- d) O constituinte a que se adjunge a sentença introduzida pelo “*onde*” é de natureza sentencial, podendo ser realizado como uma sentença plena ou como uma minioração;
- e) Pode haver mais de uma sentença adjungida ao constituinte sentencial da matriz, uma vez que, sendo adjunto, a sentença encaixada não muda a natureza categorial do constituinte a que adjunge, ficando pendurado à borda de sua projeção máxima;
- f) O pronome “*onde*” funciona como uma espécie de operador discursivo, operando na interface sintático-discursiva, e por fim, ocupa a posição de SPEC de C”;
- g) A sentença adjungida fica à direita da matriz.

Nas seções **4.1.3** e **4.1.4**, analisamos as estruturas encabeçadas pelo “*onde*” com uma Categoria Vazia deixada em seu lugar de origem após o seu movimento para a cabeça da sentença. Sentenças que em muito se assemelham às construções canônicas, uma vez que também são sentenças adjungidas a núcleos

nominais e a SPreps da sentença matriz, mas que diferem das canônicas por denotarem a noção de Tempo e não de Lugar, como nas construções canônicas. A tais construções, foram feitas as seguintes generalizações:

- a) A sentenças possuem uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*”, o que pressupõe um movimento desse “*onde*” para a cabeça da sentença;
- b) Na cabeça da sentença, o “*onde*” tem natureza adverbial e introduz a sentença;
- c) Há uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” no interior da sentença por ele encabeçada;
- d) A Categoria Vazia pode ser preenchida por um constituinte de natureza adverbial com valor semântico de Tempo;
- e) O constituinte a que se adjunge a sentença subordinada é um argumento da sentença matriz, de natureza nominal;
- f) A sentença adjungida fica sempre imediatamente à direita do constituinte nominal ou ao SPrep ao qual se adjunge.

Postas estas generalizações, o que pudemos perceber é que o uso das chamadas construções não canônicas realizadas com o “*onde*” é mesmo distinto do uso canônico que se faz com o referido pronome. Dividimos as construções encontradas em nossos *corpora* em dois grupos. Uma vez que a distinção entre as construções da modalidade oral e escrita da língua não se mostrou relevante ao trabalho, já que a configuração de suas realizações se mostrou idêntica, o que distinguiu os dois grupos foi basicamente a presença ou não de uma Categoria Vazia ligada ao “*onde*” no interior da sentença por ele encabeçada. A partir de tal distinção, outros fatores também se mostraram diversos, incluindo-se aí o valor semântico dos constituintes.

No grupo das construções sem a Categoria Vazia ligada ao “*onde*” é relevante destacar a natureza sentencial do constituinte a que se adjunge a estrutura encabeçada pelo “*onde*”. Conforme apontado no corpo desta dissertação, os adjuntos escolhem o constituinte ao qual se adjungem, e não foi diferente com as construções aqui analisadas. À maneira do que normalmente acontece com adjuntos, também os adjuntos sentenciais encabeçados pelo “*onde*” comportam-se

de maneira bastante previsível. Encabeçada pelo “*onde*”, um operador discursivo que opera na interface sintaxe/discurso, a sentença se adjungiu, sempre, a um constituinte sentencial, sobre ele predicando. Também sua posição na linearidade do enunciado se mostrou recorrente, em todos os dados dos *corpora*, ficou à direita do enunciado ao qual se adjungiu.

Quando da análise das construções com Categoria Vazia ligada ao “*onde*” no interior da sentença subordinada, percebemos uma regularidade interessante: o fato de denotarem tempo e não necessariamente lugar. Embora as sentenças tenham trazido uma Categoria Vazia, os predicadores se apresentaram saturados no interior da sentença subordinada, o que nos levou a interpretar as construções encabeçadas pelo “*onde*”, à maneira das duas seções anteriores, como estruturas adjungidas. O preenchimento da referida Categoria Vazia é que se deu de maneira diversa do padrão gramatical normativo. O constituinte de natureza adverbial ao qual se adjunge a sentença se apresentou, conforme dito há pouco, sempre e necessariamente com o valor de tempo crônico, e não de lugar.

Tal constituição nos remeteu aos pressupostos de Benveniste no que se refere ao processamento dêitico. Cabe aqui ser posto que o próprio processamento dêitico não se prende a fatos pontuais de uma língua particular, fazem parte dos princípios universais, postulados por Hauser, Chomsky e Fitch (2002, 2005). Compreendemos que, ao se localizar no discurso, o sujeito enunciativo opera com categorias dêíticas localizando as coisas por ele referidas, os espaços e os tempos que perpassam seu discurso. No caso específico do “*onde*” não canônico, o Tempo e o Espaço se constituíram como parte das operações dêíticas, falamos, pois, em localização, mas na linha do tempo e não no plano espacial, do que resulta uma construção algo diversa dos cânones, mas licenciada pelo uso da língua, que se perpetua e que se renova a cada ato, no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Cleverson Leite; CANDIOTTO, Kleber B.B. **Filosofia da Linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BEVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BEVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. **U e onde nas Cantigas de Santa Maria: caminhos de gramaticalização e discursivização..** In: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, 2001, Belo Horizonte/MG. Cadernos de Resumos do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte/MG: FUJMAR/C/PUC MINAS, 2001. V. 1. p. 76-86.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Variação e mudança no português arcaico: um antigo e novo *onde* nas Cantigas de Santa Maria. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 178-192, 1º sem. 2006.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Abordagem da Língua como um Sistema Complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: Ataliba T. de Castilho, Maria Aparecida Toreres Moraes, Ruth E. Vasconcellos Lopes e Sônia Maria Lazzarini Cyrino (orgs.), **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**, Campinas-SP: Pontes/FAPESP, 2007, pp. 329-360.
- CATARINO, Dílson. **O pronome Relativo Onde**. Disponível em <http://www.gramaticaonline.com.br/gramaticaonline.asp?menu=1&cod=160>. Acesso em 13 out. 2008
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- CIPRO NETO, Pasquale e Ulisses, INFANTE. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- CHOMSKY, Noam. **Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CHOMSKY, Noam. **Sobre Natureza e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHOMSKY, Noam. **Biolinguistics and the human capacity**. Delivered at MTA, Budapest, May 17, 2004. Disponível em: [m<http://www.punksinscience.org/kleanthes/courses/MATERIALS/Chomsky_Biolinguistics.htm>](http://www.punksinscience.org/kleanthes/courses/MATERIALS/Chomsky_Biolinguistics.htm)>> Acesso em: 05 de nov. 2009.

CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e Inergatividade no PB. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. 46 (2), 2004.

COSCARELLI, Carla Viana. **Espaços hipertextuais**. Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, 17/07/2003, Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte. Coordenação geral: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. ISBN: 85-86091 (CD- ROM).

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la Linguística Cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2003.

HAUSER, Mark; CHOMSKY, Noam; FITCH, Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? In: **Science's Compass**. v. 298, Nov. 2002.

HAUSER, Mark; CHOMSKY, Noam; FITCH, Tecumseh. The evolution of the language faculty: clarifications and implications. In: **Cognition**. v. 97, fev. 2005.

KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2009.

LURIA, Alexandr Romanovich. **Pensamento e linguagem**: As últimas Conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MARINHO, Janice Helena Chaves. O uso do onde no texto acadêmico. **Revista de estudos da linguagem**. Belo Horizonte, v.8, n.1, p.159-170, jan./jun. 1999.

NASCIMENTO, Milton do; OLIVEIRA, Marco Antônio. Texto e Hipertexto: Referência e Rede o Processamento Discursivo. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires. **Sentido e Significação**: Em Torno da Obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004, p. 285-299.

PERINI, Mario A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2001.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Onde usar onde**. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2003/noviembre/cul_018.htm>. Acesso em 20 dez. 2008.

PIMENTEL, Fátima. **O uso do pronome relativo onde**. Disponível em: <http://viva_alinguaportuguesa.blogspot.com/2007/06/o-uso-do-pronome-relativo-onde.html>. Acesso em 12 de dez. 2008.

PONTES, Humberto Bruno. **Aprenda a utilizar corretamente o pronome onde**. Disponível em: <http://apconcursos.blogspot.com/2008/09/aprenda-utilizar-corretamente-o-pronome.html>. Acesso em 20/12/2008.

RIBEIRO, Luiz Antônio. **O operador discursivo “mas” e a contraposição de domínios de referência**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Minas. Belo Horizonte, 2009.

SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de redação**. São Paulo: Moderna, 2006.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em textos**. São Paulo: Moderna, 2005.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Aplicada ao Português**: Sintaxe. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Adriana dos Santos; PANTE, Maria Regina. O pronome nenhum e a dupla negação portuguesa: uma trajetória de gramaticalização? **Soletas**. Rio de Janeiro, v.12. jul. 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

ANEXO

A- Dados do *Corpus* da Modalidade oral da Língua

1. Não vote naqueles candidatos onde você terá que limpar os panfletos que eles jogam nas ruas. (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).
2. Nossa campanha foi feita com doações, onde essas doações foram feitas por pessoas do partido. (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).
3. É difícil levar uma campanha onde tem cara, onde tem honestidade. (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).
4. Ela está propondo o desenvolvimento de atividades em grupo, onde cada um vai encontrar o seu lugar e interagir harmoniosamente. (Apresentação oral de TCC, em um curso de Letras – 10/11/2007).
5. A gente tá vendo a cena mais importante justamente na hora onde eles acabam a novela. (Fala dita entre amigos, em conversa informal, em 12/12/2009)
6. Eu sempre vi essa bagunça onde [Flex ninguém sabe quem é quem. (Fala de uma pessoa se referindo ao carnaval, dita em 10/01/2010)
7. Eu tava justamente lembrando aqueles dias onde você ficou no hospital. (Fala dita em situação informal, entre amigos).
8. O autor está falando do tempo da guerra onde todo mundo fica um pouco vilão. (Fala dita em debate em sala de aula sobre um determinado texto literário).
9. O casamento é a relação entre duas pessoas, onde uma pessoa está sempre certa e a outra é o marido! (Fala informal dita entre amigos).

10. Nós vamos cuidar de fazer o plano diretor, onde que vamos organizar o trânsito da cidade. (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).
11. É o melhor momento, aonde eu trago o melhor de mim, e a Willians também voltou a pensar grande. (Frase de Rubens Barrichello em entrevista ao Jornal Nacional no dia 2 de novembro de 2009).
12. Esses momentos na vida da gente, onde o coração dispara, são tão importantes. (Frase dita por uma personagem da novela “A Preferida” da rede Globo de Televisão no dia 23/10/08).
13. Sempre me lembro de quando eu era criança, onde minha mãe ainda colocava aqueles laços de fita no cabelo da gente. (Fala de um aluno em debate sobre um determinado texto mediado pelo professor).
14. E quando ela chegar no futuro onde tudo realmente realizou ela vai dar valor, cê vai ver. (Fala de um aluno em debate sobre um determinado texto mediado pelo professor).
15. Esse é um problema onde eu não quero dar minha opinião. (Fala um aluno em debate sobre um determinado texto mediado pelo professor).

B - Dados do *Corpus* da Modalidade Escrita da Língua

16. Lembro em especial do último dia de aula, onde meu colega Cássio, editou um filme que retratava a retrospectiva dos vários trabalhos em slides. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
17. O que o VEC precisa mesmo é planejamento e uma parceria de verdade, não uma parceria como a atual onde o Atlético manda os jogadores para o VEC depois que todos os outros clubes parceiros já selecionaram os melhores

jogadores à disposição. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

18. Outra situação histórica que podemos observar é a ditadura militar no Brasil, onde a população teve que conviver com o regime ditado pelos militares. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

19. E tem a estreia do super chefinho uma deliciosa novidade onde a criançada vai botar a mão na massa. (Exemplo retirado da fala de um locutor da Rede Globo de Televisão ao anunciar um programa televisivo, no dia 07/01/09).

20. A mãe de Rafaela era muito autoritária, onde não deixava a menina sair para brincar. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

21. A metodologia será através de pesquisa bibliografia e quantitativa, onde a pesquisa bibliográfica será embasada em autores que debatem sobre o assunto como Maria Helena de Moura, Cagliari, Bechara etc. (Trabalho escrito por acadêmicos do curso de Letras, 02/10/2007).

22. Como sempre gosto de afirmar, nasci em Padre Fialho (Garimpo) - Matipó (MG), há quase 52 anos, mais precisamente em 29 de agosto de 1957. É mais de meio século de história, idas e vindas, enfrentando novos desafios, escrevendo no presente a história que vai passando e ganhando novos capítulos e abrindo espaços pela frente para outros, onde sempre me deparo com as encruzilhadas, com várias opções para seguir em frente, muitas vezes, tendo que escolher um único caminho, que nem sempre é em linha reta, que nem sempre é a continuação do caminho que estou pisando. (Retirado da Internet, do link <http://blogdobaiao.zip.net/>, no dia 27/10/2009).

23. De acordo com a comissão organizadora do Festival todos os poemas selecionados serão submetidos a três jurados, onde serão escolhidos os três melhores poemas e serão premiados por mérito literário à grande final no dia

- 28 de Junho de 2008. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).
24. Eu era um menino meio desinteressado, onde dava muito trabalho para meus pais. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
25. Eu tive um filho, onde foi uma grande bênção em minha vida. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
26. Gentileza solicitar a todos uma corrida de oração na intenção de uma criança de 6 anos com nome Marcelo Vicenze Filarde, que deverá fazer no dia 10 de setembro uma arriscada cirurgia no cérebro, onde o médico quer pagamento a vista de 10.000,00 e o plano de saúde não cobre. (Retirado da Internet, do link <http://blogdobaiao.zip.net/>, no dia 27/10/2009).
27. Informações que para nós jovens, às vezes, podem ser tomadas como exemplos, onde um adolescente na televisão se dá bem, pode tomar as atitudes e comportamentos do outro como um exemplo e passá-lo a praticar. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
28. Minha infância foi tranquila, pois tive várias amizades saudáveis, onde conheci no Colégio Vovó Eliza. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
29. Aqui (no mercado central de Belo Horizonte) se pode encontrar artigos típicos que se misturam a manifestações contemporâneas, o artesanal se mistura ao industrial, o regional ao global. Ainda há o convívio de realidades sociais diversas, onde o público se revela extremamente heterogêneo. (Retirado da Internet, do link <http://bhesperaporvoce.blogspot.com/search?Updated-max=2008-10-03T13%3A43%3A007%3A00&maxresults=10> no dia 27/10/2009).

30. Neste ano, aconteceu um passeio para Mossoró, para conhecer o espetáculo Chuva de Bala, na época dos festejos juninos, onde logo após fomos para a festa. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
31. No Vovó Eliza (colégio) estive em muitas comemorações e aniversário com meus coleguinhas, onde até hoje nos cruzamos por Macau. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
32. O juiz elaborou um ditado onde que quem não acertasse pelo menos dez palavras não podia ser candidato nem a vereador. (Fala de candidato à prefeitura da Cidade de Montes Claros, MG, em debate televisivo em 02/10/2008).
33. Outras mudanças que podemos citar é com relação à moda, onde o que era auge da moda no passado, hoje não passa de lembranças. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).
34. Ouvindo aquilo, Thiago, em silêncio, começa a rever o que disse, o que fez, e sua falta de gratidão, pois aquele simples ato de criança o fez ver que devemos ser gratos por tudo que temos, pois, a criança possui sua liberdade aliada à sua responsabilidade onde trabalha para sobreviver e onde Thiago, um jovem revoltado, não leva em consideração a preocupação de sua mãe e julga que liberdade é fazer o que quiser, na hora que quiser. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).
35. Quando pensamos em liberdade nos vem à cabeça a livre escolha de fazer o que quiser e quando quiser. Mas muitas das vezes, a existência desta é confundida com formas de pensamentos negativos onde são estes que formam uma sociedade. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).

36. Se estes Jovens não abrirem os olhos será impossível notar daqui a alguns anos o total controle da população, onde estes serão tratados como animais de estimação, os quais se apresentarão sem valor. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).
37. Também em 1982 me casei com a Margarida, onde formamos uma família com a chegada da 1ª, da 2ª e da 3ª filhas. (Retirado da Internet, do link <http://blogdobaiao.zip.net/no dia 27/10/2009>).
38. Agora está pronta para enfrentar todos os desafios que ainda restam para que nós, estudantes, alcancemos o tão sonhado futuro onde uma educação de qualidade seja realidade e, deste modo, tenhamos todas as mesmas oportunidades para crescer na vida. (Retirado da internet do link <http://umesbh.zip.net/>, no dia 27/10/2009).
39. Estamos empenhados em fazer uma cidade ativa o ano todo e estamos agindo justamente neste intervalo, que é período de férias, onde temos turistas de outros destinos que agora descobrirão o que BH tem para oferecer e, quem sabe, sermos o seu destino de muitas outras viagens” afirma o presidente do Mercado Central. (Retirado da Internet, do link no dia 27/10/2009).
40. Em Itajubá varias coisas em minha vida mudaram, foi um período onde comecei a entender melhor as coisas da vida. (Memorial de aluno do ensino médio, 10/09/2008).
41. Eu já devia estar com uns 12 anos, é a fase onde a gente está começando a querer virar gente grande, fomos morar em um dos bairros melhores que tinha na cidade, uma casa bem grande, muito maior da que alugamos em Juiz de Fora, que para agente já era uma casa bem grande. (Memorial de aluno do ensino médio, 10/09/2008).

42. Essa diferença ocorreu com o passar do tempo, onde os valores, a forma de pensar e agir mudaram. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).
43. O autor quer nos passar uma mensagem onde mostra que não devemos nos importar se parecemos ridículos ou abobalhados em sentir todas essas emoções. (Redação escolar, aluno do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA do IFRN, da cidade de Macau, RN, em 13/11/2009).
44. Um exemplo desta realidade ocorreu no dia treze de setembro de 2008 onde foram apreendidos pelo IBAMA quarenta e três pássaros. (Redação escolar, aluno da segunda série do ensino médio do CEFET-MG, da cidade de Varginha, MG, em 23/09/2008).
45. Mais adiante, a loucura foi subdividida em quatro tipos: A *profética* que era tida como canal de comunicação entre Deus e os homens; a *ritual* onde os homens atingiam o êxtase através de danças e rituais que os tornavam possuídos por uma força exterior; a *amorosa* produzida pela Deusa do amor e por último a *poética* que era resultado do trabalho das musas. (Trabalho escrito por acadêmicos do curso de Letras, 02/10/2007).